

PUCRIO

EDUARDO NEVES DE BRITTO PEREIRA

SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO EM FOUCAULT E NA PSICANÁLISE

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEÍRO Rio de Janeiro, abril de 1990

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil http://www.puc-rio.br SAME CONTROL AND COMPANIES

N.Chamada: 150 / P436s /TESE UC Título: Sobre a noção de sujeito em Foucault e n

Ex: 1-CENTRAL

2090

EDUARDO NEVES DE BRITTO PEREIRA

SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO EM FOUCAULT E NA PSICANÁLISE

Dissertação apresentada ao Departa mento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Esther Maria de M. Arantes

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, abril de 1990.



150 P436 A' TESE UC

.

1

AGRADECIMENTOS

À Esther Maria de Magalhães Arantes, orientadora da dissertação, pelo apoio e confiança depositada.

À Jurandir Freire Costa, pela atenção com que acolheu minhas questões, pelo exemplo de integridade na sua postura em relação ao saber.

Aos amigos que participaram comigo deste trajeto.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela ajuda financeira recebido durante o curso.

Aos meus pais.

A Denise e Patricia.

RESUMO

Este trabalho se realiza em dois níveis analíticos. No primeiro procuramos responder a algumas questões relacionadas aos fundamentos da teoria psicanalítica, que derivam do discurso de Michel Foucault. A referência teórica dentro do campo psicanalítico é Jean Laplanche. O segundo nível é uma tentativa de confrontação da concepção foucauldiana de su jeito com os desenvolvimentos teóricos de Jean Laplanche, referindo estes dois discursos a algumas questões relacionadas a estes três pares de oposições: Autonomia / Heteronomia, Subjetivismo / Objetivismo, Voluntarismo/ Determinismo.

Nosso propósito é enfatizar a questão da singularidade do sujeito e de sua capacidade de elaborar simbolica mente as injunções sociais.

ABSTRACT

This paper is realized in two analytical levels. At the fist one we attempt to answer some questions about the fundaments of psychoanalitical theory which derived from Michael Foucault's discourse. The theoretical reference in psychoanalytical field is Jean Laplanche. The second level is a essay to confront the Foucaultion conception of the subject with Laplanche's theoretical developments, refering these two discourses to some questions which report to theese three pairs of opositions: Autonomy / Heteronomy, Subjectivism / Objectivism, Voluntarism / Determinism.

Our purpose is to emphasize the question of the subject's singularity and this capacity to elaborate symbol \underline{i} cally social injunctions.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	0:
1.	CAPÍTULO 1 - Foucault, Impasses de um Abordagem Constr \underline{u}	
	tivista	0
2.	CAPÍTULO 2 - Laplanche e o Aprofundamento da noção de	
	Real	28
	2.1. Sobre a teoria de sedução generalizada	28
	2.2. Resposta a algumas posições de Foucault	4 (
	2.3. Esclarecimentos conceituais	4 8
	2.3.1. Sobre a noção de passividade	49
	2.3.2. Fantasia retroativa x a posteriori	53
	2.3.3. Apoio x sedução	5€
	2.3.4. Sobre o sexual e o não sexual	64
	2.3.5. Sobre a noção de fantasia	69
	2.3.6. A posição do sujeito na tópica	71
	2.3.7. A noção de representante-coisa	72
3.	CAPÍTULO 3	82
4.	CONCLUSÃO	91
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	9.4

INTRODUÇÃO

A idéia de que não se pode pensar a subjetividade abstraída do contexto sócio-histórico onde emerge vem se nando quase um lugar comum nos meios "psi". Palavras como contextualização e relativização passaram a fazer parte do vocabulário cotidiano de um número significativo de profissio nais de saude mental. Aliadas às velhas fórmulas individuali zantes do tipo "cada caso é um caso" parecem constituir instrumental poderoso de crítica às teorias universalistas. Autores que pareciam antes inassimiláveis pelo discurso psi cológico, e entre eles destacamos aqui Michel Foucault, dei xam de ser referência estranha na fala dos profissionais da área.

Não colocaremos aqui a questão da legitimidade teó rica destas assimilações, se elas preservam ou não as teses fundamentais destes autores. O que visamos ressaltar é a utilização crescente de um vocabulário que enfatiza os aspectos históricos pelos profissionais de saúde mental.

No entanto como coloca Anamaria Coutinho no texto "Pressupostos da Noção de Subjetividade" (Coutinho, 1985) as teorias psicológicas vigentes ainda são em geral o resultado de uma combinação de pressupostos naturalistas e pressupostos que enfatizam a constituição sócio-histórica dos sujeitos. 1

⁽¹⁾ O pressuposto que enfatiza o aspecto socio-histórico é por ela denominado construtivista. O pressuposto natura lista diz respeito à postulação de invarientes da nature za humana. Passaremos a adotar na dissertação esta nomenclatura.

São predominantemente teorias "mistas", articulando com maior ou menor consistência estes dois pressupostos. No en tanto a tematização de invariantes da natureza humana não parece negar de forma decisiva esta tendência de historicização do discurso psicológico, de ênfase progressiva nos as pectos ligados à constituição histórica dos sujeitos.

Além da incidência crítica de pensadores como Foucault pode-se assinalar o impacto do discurso antropológico nas formas de problematização mais comuns em psicológia. O desenvolvimento de pesquisas que demonstram no seio das sociedades urbanas de sistemas de representação alternativos em relação à psiquiatria e à psicologia e que não utilizam sequer as categorias que as fundamentam (como a categoria de "psíquico" ou de "problemas emocionais") tem sido uma permanente exigência de trabalho para estas teorias.

Acreditamos que a visão construtivista vem ganhan do terreno também na teorização em psicanálise, trazendo to da uma nova zona de turbulência para estes discursos acostumados com a universalização de suas categorias.

Evidentemente os questionamentos de tipo histórico ou antropológico não incidem diretamente no corpo teórico da psicanálise, sendo "filtrados" pela rede conceitual e as formas de problematização que dão à ela o seu contorno específico. Um dos indícios desta incidência talvez possa ser detectado na progressiva formalização dos conceitos em psicanálise, que abrem um espaço para a variabilidade histó

rica, mas sem perder, em outro nível, seu cunho universa lizante. O Édipo estrutural defendido pelos lacanianos pode ser citado como exemplo do que estamos enunciando.

Um dos objetivos desta dissertação é levantar algumas questões sobre a abordagem da constituição da subjetividade em termos de pressupostos construtivistas. O artigo supracitado de Anamaria Coutinho já situava algumas dificuldades encontradas tanto na tentativa de se teorizar a subjetivida de a partir de concepções naturalistas quanto a partir de uma abordagem que discute esta questão apenas em termos de interiorização das normas sociais (visão construtivista).

A assimilação de categorias antropológicas e his tóricas pelos profissionais de saúde mental não parece vir acompanhada de uma reflexão mais profunda sobre os limites de uma visão construtivista do sujeito, do risco que a relativização acabe em puro relativismo.

Neste trabalho procuraremos inicialmente assinalar alguns impasses teóricos relativos à abordagem foucaul
tiana da constituição do sujeito. A escolha deste autor se
dá porque a sua obra (especialmente os livros da "História
da Sexualidade") pode ser considerada uma das tentativas mais
exemplares de abordar o sujeito sem recorrer a pressupostos
naturalistas. No segundo Capítulo trabalharemos com o dis
curso psicanalítico, a partir dos desenvolvimentos teóricos
de Jean Laplanche. Visamos sugerir que alguns impasses rela
tivos à abordagem teórica do sujeito talvez residam em uma
má formulação das relações entre realidade psíquica e con

texto social. Uma forma alternativa de colocar estas ques tões pode ser extraída dos próprios textos de Laplanche a partir do que ele denomina "um aprofundamento da noção de real" (Laplanche, 1988a, pg. 120).

Consideremos que os pressupostos de Anamaria tinho fornecem uma grade conceitual para a abordagem compa rativa do discurso psicanalítico e dos desenvolvimentos teó ricos de Michel Foucault. Embora profundamente heterogêne as, estas duas experiências teóricas apresentam pontos de convergência que permitem que sejam avaliadas em algumas questões específicas. Um dos pontos de convergên cia diz respeito às referências diretas e indiretas de Fou cault à psicanálise. Como diz Ernani Chaves no livro "Fou cault e a Psicanálise" essas: "referências indicam que texto freudiano é uma sombra permanente que ora escandalo sa, ora insidiosamente, perpassa em vários níveis, o de Foucault. Sob certos aspectos, Freud e as questões que psicanálise suscita iluminam a trilha seguida pela demarche foucauldiana" (Chaves, 1988, pg. 3). Essas refe rências, a implicação crítica do discurso foucauldiano relação à psicanálise, podem ser consideradas como um de análise na abordagem comparativa dos dois discur níveis sos.

O outro nível diria respeito não mais às produções teóricas específicas de Foucault, a sua Genealogia do "homem de desejo", mas aos pressupostos que a fundamentam.Não se trata mais de buscar avaliar a pertinência das coloca-

ções de Foucault que tomam a psicanálise como objeto, mas de situar tanto a psicanálise quanto o discurso de Foucault em relação a um conjunto de questões. As questões que Ana maria Coutinho levanta a respeito da possibilidade de resistência ao poder em um discurso construtivista como o de Foucault, toca nos fundamentos deste discurso, nos pressupostos que permitem situá-lo criticamente frente a outras abordagens teóricas.

Procuraremos durante o presente trabalho realizar um cotejamento dos desenvolvimentos teóricos de Jean Laplace e de Michel Foucault a partir dos dois níveis analíticos que enunciamos. Não se trata simplesmente de confrontar Foucault e a psicanálise a partir das "regras do jogo" que o próprio discurso de Foucault pressupõe, mas de buscar ace der também a um outro nível de análise onde os pressupostos de Foucault podem ser questionados e comparados com os que fundamentam uma abordagem psicanalítica da constituição da subjetividade.

A escolha de Jean Laplanche como teórico representativo do campo psicanalítico tem basicamente duas razões. Primeiramente consideramos que seus desenvolvimentos teóricos permitem responder de forma bastante satisfatória a algumas das críticas mais insistentemente repetidas em relação ao discurso psicanalítico. Em segundo lugar porque a creditamos que algumas de suas categorias teóricas fornecem elementos para uma superação das aporias em que se vêem enredadas tanto a abordagem construtivista quanto a abordagem

naturalista do sujeito.

Achamos importante fazer algumas precisões terminológicas antes de iniciar a abordagem dos dois discursos. Em um campo discursivo onde termos como sujeito, indivíduo, pessoas, etc. São usados às vezes de forma tão imprecisa e com tantas superposições, este tipo de preocupação pode ser decisivo quanto à inteligibilidade do que é dito.

A utilização do termo indivíduo se fará sempre se gundo o seu sentido mais neutro, ou seja, como "sujeito pírico que fala, pensa e quer, ou seja, a amostra individual da espécie humana, tal como encontramos em todas as ciedades" (Dumont, 1985, pg. 37). O termo sujeito acrescen tará a esta noção de indivíduo uma qualificação particular. Como enunciaram um grupo de teóricos ingleses no livro "Chan ging the subject": "Recently the term 'theories of the ject' has tended to refer to approaches which are of psychology's assumptions about individuality, theoreti cal approaches which emphasize the way in which the domain constitutes subjects rather than the other way round" (Venn et. alli, 1984, pg. 2). Esta ênfase nos aspectos sõ cio-históricos é no nosso entender um dos motores de toda a recente teorização sobre a "constituição do sujeito". ela que irá qualificar o uso da noção no decorrer do texto.

CAPÍTULO 1

FOUCAULT, IMPASSES DE UMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

"Les techniques moderns de favorise l'apparition d'un soi positif; em meme temps qu'il La reconnâit, l'individu s'attache à une identité que lui livrent les categories de la science psy chologique et psychanalytique ainsi que les disciplines normatives qui découlent de cette science. En consequênce de quoi l'individu devient, tout comme OEdipe, victime de sa propre connaissance de lui-meme".

James Bernauer

Em debate com historiadores, ("l'impossible Prison") ao ser perguntado sobre o efeito paralisante que a implacável" de seus livros produzia, Foucault responde uma modéstia que não deixa de ser irônica. Diz ele que seu projeto teórico limitou-se a: "Aider d'une certaine à ce que s'ecaillent quelques 'évidences', ou 'lieux communs' à propos de la folie, de la normalité, de la maladie, 1a délinquance et de la punition faire en sorte, avec bien ď' autres, que certaines phrases ne puissent plus étre dites aussi facilement ou que certains gestes ne soient plus au moins sans quelque hésitation, contribuer à ce que certai les nes choses changent dans les façons de percevoir

manières de faire, prendre part à ce difficile déplacement des formes de sensibilité et des seuils de tolérance, etc. - je ne me sens guere en mesure de faire bien davantage" (Fou caullt et alli, 1980a, pg. 52).

Embora com um traço de ironia, a resposta de cault nos parece uma das melhores maneiras de caracterizar o seu percurso teórico, de vincular seu pensamento a das modificações concretas que ele produziu. A "genealogia de nós mesmos" que Foucault vinha realizando tornava problemáti cas algumas das correlações mais estáveis do pensamento então. Este caráter estratégico do pensamento de sua vinculação com o presente, faz de suas análises uma prova definitiva de que é possível realizar uma "trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento" (Foucault, 1985a, sem recorrer a parâmetros trans-históricos. £ justamente por ser uma crítica imanente que a produção teórica Foucault pode reinvindicar para si um fundamento ético, visto que suas escolhas teóricas não estão determinadas a priori, não obedecem a nenhuma necessidade transcendente inscrita na natureza das coisas ou nas formas puras da razão. Para Foucault "L'ethique, c'est la forme déliberée assumée par la (Rajchman, 1989, pg. 257). As escolhas ético-políticas emFoucault, o caráter estratégico de suas investigações têm CO mo fundamento último a liberdade. A crítica sobre a ausência de base normativa no pensamento de Foucault encontra aqui formulação de uma resposta: "Power is exercised only over free subjects, and only insofar as they are free. By this mean individual or collective subjects who are faced with

field of possibilities in which several ways of behaving, several reactions and diverse comportments may be realized. Where the determining factor saturate the whole there is no relationship of power; slavery is not a power relationship when man is in chains" (Foucault, 1983a, pg. 221).

No entanto quando nos atemos a sua genealogia do indivíduo moderno, quando tomamos como referência as análises concretas que empreendeu, algumas questões permanecem sem res Se, como indica Foucault, "lá onde há poder há resis posta. tência" (Foucault, 1982a, pg. 91), se os focos de resistência representam a "saliência que permite a preensão" (ibid, 91) das estratégias de poder, fica bastante difícil conceber o que, em cada situação específica analisada, permite fundar as ações de resistência. Embora Foucalt insista em afirmar que a resistência não é simplesmente a "marca em negativo" (ibid, pg. 91) das estratégias de poder, nada em suas análises teóricas aponta para uma forma de resistência que possa ser uma superação e não simplesmente uma reprodução em nega tivo do exercício do poder.

Isto fica ainda mais flagrante se tomamos como referência a noção de sujeito em seu discurso. O construtivismo em Foucault implica a recusa de qualquer fundamento natura lista, a tentativa de abordar o sujeito como uma "dobra" das relações de poder e de saber. Segundo Deleuze "..., um tema parece perseguir Foucault - o tema de um dentro que seria ape nas a prega do fora, como se o navio fosse uma dobra do mar" (Deleuze, 1988, pg. 104). Esta dobra não é uma simples repro

dução do exterior no interior, "Essa derivação, esse desloca mento devem ser entendidos no sentido de que a relação consis go adquire independência" (ibid, pg. 107). Toda a questão, no nosso entender, reside justamente no sentido desta indepen dência. Nada nos desenvolvimentos teóricos de Foucault permi te abordar de forma efetiva esta questão. Se é verdade se pode constatar historicamente uma "relativa (Foucault, 1985a, pg. 29) dos códigos morais em relação formas de subjetivação, esta autonomia é muito mais afirmada do que problematizada em seu discurso. Embora a perspectiva de uma história "do homem de desejo" que privilegie as práti cas de constituição do sujeito moral ("técnicas de si") em relação aos códigos que prescrevem valores e regras de condu ta seja renovadora, ela não nos parece eficaz quando utilizada no sentido de criticar o discurso psicanalítico. A tenta tiva de historicizar os conceitos psicanalíticas, de incluílos em uma grade conceitual mais ampla (as técnicas de si) co mo uma simples "dobra" em um processo histórico bastante com plexo, nos parece falha já que se funda em algumas pressuposi ções que ultrapassam as referências teóricas do próprio Fou cault. Faltam mediações teóricas em Foucault para sustentar seus próprios pressupostos de base.

Esta história da ética (da constituição do sujeito moral a partir das técnicas de si) só é possível se for admitida, como faz Foucault, esta autonomia relativa das práticas de subjetivação em relação aos códigos morais. Aí reside to da a força das pesquisas de Foucault e ao mesmo tempo o ponto que permite ultrapassá-las.

A tentativa de fazer o discurso psicanalítico retor nar ao solo histórico de onde deriva, fracassa justamente por que este "terreno" construído por Foucault precisa ele mesmo de explicação. Não há lugar para "autonomia" em um discurso onde o sujeito é uma simples "dobra" das relações de poder e de saber. A noção mesma de resistência torna-se inabordável. Não há um "fora" das relações de poder se não são explicitadas as formas como esse poder se "interioriza", e o que neste processo permite falar em liberdade e autonomia.

Dreyfus e Rabinow em um livro fundamental ("Michel Foucault, Beyond Structuralism and Hermeneutics") levantam questões da mesma natureza: "Is there a way to make resistance positive, that is, to move toward a 'new economy of bodies and pleasures'?"; "What are the resources which enable us to sustain a critical stance?"; "Can the body be totally transformed by disciplinary techniques?" (Dreyfus e Rabinow, 1983,pgs. 206 e 207). A última questão nos parece de especial relevância se tomamos como referência as investigações que Foucault realizou em torno da noção de "bio-poder" e de seus dois pólos de desenvolvimento: As disciplinas do corpo

. As regulações da população

O primeiro pólo centrou-se no "corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos ..." (Foucault, 1982a, pg. 131).

Frente a um tal tipo de intervenção sobre o corpo

a pergunta que se impõe diz respeito à capacidade que teriam os procedimentos disciplinares de integração do corpo ao apare lho produtivo. Se esta integração poderia se realizar sem "restos", e caso contrário o que poderia ser suporte para re sistência. Se pensamos na idéia de um sujeito inteiramente "construído" por procedimentos de poder, uma espécie de sujei to "tabula rasa" cujo corpo é mera superfície de inscrição de mecanismos disciplinares, a noção mesmo de resistência perde todo sentido. Ainda que concordemos com Dreyfus e que o discurso foucauldiano não é uma nova forma de lismo, visto que em suas descrições históricas "The system is not in any way in equilibrium..." (Dreyfus e Rabinow, o que resta por esclarecer é a relação deste pq. 187) dese quilibrio com as possibilidades de confrontação do sujeito em relação às injunções históricas que o "construíram". aprofundamento destas questões corremos sempre o risco de ver o discurso oscilar, como uma embarcação sem lastro, entre subjetivismo dos cálculos locais e o objetivismo das "Epistemē", onde o sujeito torna-se mera "função" das formações sivas.

Se o poder "vem de baixo" (Foucault, 1982a, pg.90), se sua racionalidade deriva "das táticas muitas vezes bem explícitas no nível limitado em que se inscrevem" (ibid, pg. 91), por efeitos de encadeamento e de confrontação destes níveis locais, resta saber como as "grandes estratégias anônimas" (ibid., 91) intencionais e não subjetivas incidem subjetivamente.

Ainda que o nível analítico escolhido por Foucault desdobre estas questões sempre a partir de contextos históricos definidos, o modo como estas investigações foram desenvolvidas, os pressupostos que as fundamentam acarretam (principalmente se como Dreyfus e Rabinow nos interessamos pelas conseqüências metodológicas de suas pesquisas) questões que não parecem mais solúveis dentro destes marcos teóricos.

Procuraremos agora, de forma resumida, assinalar al gumas linhas de força das últimas investigações de Foucault sobre o sujeito e sobre as "técnicas de si". Consideramos que aí residem algumas das críticas mais diretamente ligadas aos fundamentos do discurso psicanalítico; principalmente aquelas que giram em torno da noção de "hermenéutica do desejo".

Em primeiro lugar é importante assinalar que estas investigações (correspondentes aos dois últimos volumes da "História da Sexualidade") só adquirem seu verdadeiro sentido se referenciadas a um projeto teórico mais amplo que as subentende. Este projeto, caso tomemos como referência seus resumos de curso (Foucault, 1989a), se ordena a partir da noção de "governo", entendido em sentido abrangente como "... techniques et procédures destinées à diriger la conduite des hommes". (ibid., pg. 123). O governo de si seria apenas uma das vertentes analíticas desta noção.

Foucault faz mesmo uma aproximação em seu texto "The subject and Power" entre sua noção de poder e a noção de governo. Segundo ele "basically power is less a confrontation between two adversaries or the linking of one to the

other than a question of government. This word must be sixteen allowed the very broad meaning which it had in the century. "Government" did not refer only to political tures or to management of states; rather it designated the way in which the conduct of individuals or of groups might be directed: the government of children, of souls, of communities, of families, of the sick. It did not only cover the legitimately constituted forms of political or economic sub jection, but also modes of action, more or less considered and calculated, which were destined to act upon the possibilities of action of other people. To govern, in this sense, is structure the possible field of action of others". (Foucault, 1983a, pq. 221). Desta noção de poder decorre a de liberdade como: "... a field of possibilities in which several ways behaving, several reactions and diverse comportments may be realized". (ibid, pg. 221). O poder atua sobre este de possibilidades incitando certos comportamentos, diminuindo a probabilidade de outros se realizarem.

É neste contexto das investigações sobre as diver sas formas de "governo" que se recorta a genealogia do sujeito moral a partir das "técnicas de si", entendidas como for mas de auto-governo.

Uma das melhores definições que encontramos em Foucault das "técnicas de si" é a que se segue: "... les 'techniques de soi', c'est-à-dire les procédures, comme il en existe sans doute dans toute civilisation, qui sont proposées ou prescrites aux individus pour fixer leur identité, la

maintenir ou la transformer en fonction d'un certain nombre de fins, et ceci grace à des rapports de maîtrise de soi sur soi ou de connaissance de soi par soi". (Foucault, 1989a, pg. 134).

É importante assinalar que as investigações đe Foucault diferem significativamente de outras abordagens antropológicas ou históricas sobre a formação do indivíduo moderno. A noção de "técnicas de si" permite a Foucault escapar a balizamentos do tipo "interioridade" cristã/ "exteriodade" das morais pagas. Como ele assinala: "O que se chama interioridade cristã é um modo particular de relação consigo que comporta formas precisas de atenção, de suspeita, de decifração, de verbalização, de confissão, de autoacusação, de luta contra as tentações, de renúncia, de comba te espiritual, etc. E o que é designado como 'exterioridade' da moral antiga implica também o princípio de um trabalho sobre si, mas sob uma forma bem diferente. A evolução se produzirá, aliás com muita lentidão, entre paganismo cristianismo, não consistirá numa interiorização progressiva da regra, do ato e da falta; ela operará, antes de mais nada, uma reestruturação das formas de relação consigo uma transformação das práticas e das técnicas sobre as quais essa relação se apoiava" (Foucault, 1985a, pg. 60 - 0 grifo é nosso).

Procuraremos agora expor resumidamente as investiga ções de Foucault relativas às técnicas de si, utilizando como "roteiro" dois textos: "Technologies of the Self" (in: Foucault,

1988a) e "L'herméneutique du sujet" (in Foucault, 1989a, respectivamente um seminário de Foucault na Universidade de Vermont e um resumo de curso do Collège de France. Os dois textos são praticamente contemporâneos, têm estruturas semelhan tes e registram de forma clara as diferenciações que vão se dando nos modos de relação consigo, desde a Grécia antiga até o início do cristianismo. A cronologia observada nos textos é a dos dois últimos volumes da "História da Sexualidade", ou seja, Grécia Antiga, Séc. IV A.C., textos gregos e latinos do Séc. II D.C. e o Séc. IV D.C. sobre as técnicas de si no Cristianismo.

Foucault começa discutindo a preponderância dada no pensamento Ocidental ao "conhece-te a ti mesmo" (Gnôthi seauton) em detrimento de um outro princípio que na cultura Greco-roma na esteve sempre associado a este e era mesmo o seu fundamento. Este princípio está condensado na expressão grega epimellia heatou, o "cuidado de si".

Não se trata aqui de um princípio puramente teórico mas fundamentalmente de uma forma de atividade, de exercícios práticos comportando procedimentos e objetivos específicos. Na cultura Greco-romana esta "cultura de si" ganha mesmo o status de uma forma de vida.

Foucault toma como ponto de partida deste estudo re lativa aos "cuidados de si" o diálogo platônico "Alcibiades". Ele procura traçar, a partir deste texto, as diferenças que se produzirão nas práticas de si do Séc. IV A.C. até o Séc.

II D.C. Resumidamente estas diferenças consistiriam no se quinte:

1) Os "cuidados de si" deixam de ser exclusivamente uma preparação para a vida política, tornando-se verdadeira mente uma forma de vida. Os cidadãos podem mesmo vir a deixar a política para melhor exercer os cuidados de si.

De uma "arte da vida" (techne tou biou) vinculada às atividades políticas na cidade passa-se cada vez mais a uma techne de si como um fim em si mesmo, a uma autonomia progressiva das técnicas de si da "paideia do homem livre que tem um papel a desempenhar na cidade e com relação aos outros" (Foucault, 1985a, pg. 71).

- 2) Os "cuidados de si" se aproxima mais de um modelo mé dico do que de práticas de tipo pedagógico. Trata-se agora de "curar as doenças da alma" (Foucault, 1989a, pg. 152), de se desfazer de todas as más atitudes, das falsas opiniões. E isto, a partir de um trabalho permanente no qual o indivíduo deve chegar a se tornar "doutor de si mesmo" (Foucalt, 1988a, pg. 31).
- 3) A relação entre o cuidado de si e o conhecimento é modificada. Enquanto Sócrates procurará interrogar e fazer dizer um saber que o indivíduo sabe (sem saber que sabe) o discípulo para os Estóicos e Epicuristas deve antes se calar e escutar. Uma cultura do silêncio progressivamente substitui a primazia do diálogo. É toda uma nova concepção das relações entre verdade e memória a partir de métodos diferentes

de auto-exame. Não se trata mais, como em Platão, de descobrir uma verdade que está em nós mas de aceder ao logos, de absorver uma verdade já dada nos ensinamentos, nas leituras, nos conselhos. Estas verdades são adquiridas através de exercícios de memorização. Como diz Foucault "on doir avoir en soi-même une sorte de li vre qu'on relit de temps em temps". (Foucault, 1989a, pg. 159)

4) Os modos de assujeitamento ao código se modificam da Grécia Antiga à época Imperial. De uma atitude de domínio de si voltada para o domínio dos outros em uma sociedade de relações claramente assimétricas passa-se, principalmente com o estoicismo, a uma vinculação muito mais universalista com o código moral. Trata-se de aceitar as restrições de conduta porque se é um ser racional e não mais porque o governo de si permitiria melhor governar os outros.

Procuraremos agora descrever uma técnica de exame de consciência típica do cristianismo e em seguida traçar as diferenças em relação aos "cuidados de si" na época Imperial.

Esta técnica, exagoneusis, embora semelhante a formas de auto-exame da tradição estóica, tem no Cristianismo monástico um sentido completamente diferente. Ela consiste na verbalização constante de atos e pensamentos do monge ao seu diretor espiritual.

Como assinala Foucault, a vida nos mosteiros é inteiramen-

⁽²⁾ Evidentemente esta idéia de um retorno sobre si mesmo, de retomada de uma verdade em nos, não implica uma concepção de interioridade psicológica. segundo Foucault: "... le mouvement par lequel lame se tourne vers ellemême est un mouvement par lequel son regard est attiré vers 'le haut' vers l'élément divin, vers les essences, et vers le monde supra-céleste où celles-ci sont visibles." (Foucault, 1989-a, pg. 150).

te ordenada a partir de dois princípios fundamentais: obediência e contemplação.

A obediência é considerada um fim em si mesmo e não um estado ao qual se deveria chegar. Segundo Foucault: "There is no element in the life of the monk which may escape from this fundamental and permanent relation of total obedience to the master". (Foucault, 1988a, pg. 44). A constituição de si enquanto sujeito moral se dá através dessa relação de obedi-ência.

O segundo princípio visa a contemplação de Deus, a tentativa de afastar tudo o que represente um obstáculo em relação a essa finalidade.

A exagoneusis adquire seu contorno específico quando considerada a partir destes dois princípios. O exercício de obediência ao diretor espiritual tem como correlato um controle tirânico do monge sobre suas próprias representações. Este controle é um verdadeiro exercício de discriminação do próprio pensamento, dos movimentos involuntários da alma. Ele baseia-se na idéia de uma concupiscência secreta, de que no fundo de nós mesmos existe um mal que desconhecemos e que está sempre a nos "trair". O auto-exame visa justamente estas representações, estes movimentos que nos afastam de Deus, que dificultam ou impedem sua plena contemplação.

Na exagoneusis o auto-exame é subordinado à verba lização dos próprios pensamentos. A confissão é o estuário natural do exercício de auto-discriminação. Ela cumpre mesmo uma função de crivo mais importante que a do próprio auto-exa

me, já que se considera que os maus pensamentos não podem ser expressos sem dificuldade e vergonha. Através desta prática é estabelecida uma aproximação entre não-dito e pecado, entre o que busca se ocultar pelo silêncio e o que afasta do caminho de Deus.

Existe, portanto, na exagoneusis uma articulação precisa entre auto-exame e confissão, entre obediência ao diretor espiritual e decifração de si. Esta articulação constitui o núcleo daquilo que Foucault vai denominar "poder pastoral", o tipo específico do Governo das formas de subjetivação exercido nas instituições eclesiásticas. Ela permite a sustentação de grandes estruturas de poder a partir de vínculos personalizados de obediência. Esta matriz de individualização irá depois ser integrada, em uma versão politicamente no va, como um dos elementos formadores do Estado Moderno.

Procuraremos traçar agora as diferenças entre estas novas tecnologias de si e aquelas que abrangemos com o termo "cuidado de si". Nosso objetivo é circunscrever a noção de "hermenêutica do desejo" em Foucault a partir dos textos que tivemos acesso. Como é sabido, o livro que trataria específicamente do período Cristão na "História da Sexualidade" ("As Confissões da Carne") não chegou a ser concluído.

Um dos traços que diferencia essas novas tecnologias de si é a ênfase no pensamento em detrimento da ação.

As técnicas relativas aos "cuidados de si" eram mais de estilo "administrativo" visando comparar as ações diárias

com as regras e prescrições consideradas corretas. O tipo de triagem realizado por estas práticas de si não tinha um sentido culpabilizante, e visava fundamentalmente configurar para os indivíduos que as praticavam, uma vida bela digna de ser lembrada. Embora as regras de conduta tendessem assumir um valor cada vez mais universalizante na época Imperial, ainda aqui "Trata-se da universalidade sem lei de estética da existência que, de todo modo, só é praticada por alguns". (Foucalt, 1985b, pg. 185). No caso da exagoreusis é um "modelo jurídico" que é observado, visando aquelas repre sentações que guardassem algum parentesco com o Mal. Trata-se de vasculhar os lugares mais escondidos da alma no sentido de detectar uma possível implicação da vontade em relação a tes movimentos involuntários do espírito. Como assinala Foucault "Trata-se da abertura de um domínio" (Foucault, 1985c, pg. 37) onde as representações são julgadas em função do pa rentesco secreto com o Mal e não a partir de sua relação com as ações cotidianas.

Curiosamente, este movimento de "interiorização" se relaciona com toda uma cultura da auto-renúncia e com regras de conduta consideradas universais. O cristianismo impõe uma disjunção entre uma cultura de si (um trabalho sobre si mesmo) e a moralidade. Os cuidados consigo mesmo são imorais porque escapam às codificações precisas que o Cristianismo impõe, porque desviam o sujeito de sua relação fundamental de obedi-ência. Este é o momento em que o "Conhece-te a ti mesmo" predomina sobre os "cuidados de si". A relação entre subjetivação e conhecimento passa a implicar "... uma objetivação inde

finida de si por si..." (ibid., pg. 37). Não se trata mais, como na época Imperial, da vinculação do sujeito a um já di to, a uma tradição culta que lhe permite estilizar suas condu tas, mas da criação de uma verdadeira alteridade subjetiva on de o indivíduo fica confrontado com uma latência fundamental, com sua própria concupiscência. É esta alteridade constituída a partir dos discursos e das práticas no Cristianismo que fundamenta a noção de "hermenêutica de si". A "interiorização" é na verdade a criação de um domínio novo, a formação de um novo regime de conhecimento onde se visa delimitar as configurações possíveis deste Outro em nós, as relações entre a von tade e os movimentos secretos da alma².

A "interiorização" é o correlato necessário das práticas de si no Cristianismo, de um movimento de "exteriorização", de verbalização constante através das práticas confessionais. A "interio

⁽²⁾ É importante acrescentar que no que diz respeito aos textos sobre a vida monástica, em especial os de Cassiano, não existe separação estrita entre corpo e alma. Os pólos do combate da castidade" na exagoreusis são de um lado os movimentos do corpo e da alma e do outro a vontade, o exercício permanente de discriminação desses movimentos involuntários. Existem efeitos de indução do corpo sobre a alma e vice-versa.

⁽³⁾ Existe um interessante paralelo nd'História da Loucura na Idade Clássica" com relação a este modelo de subjetivação no qual a constituição da interioridade psicológica se dá em correlação com os progressos da consciência pública: "Ora, através de um movimento paradoxal que, ainda em nossos dias não a tingiu sua plena realização, à medida que a instância que julga reinvindica, para fundamentar sua justiça, maior universalidade, à medida que substitui as regras de jurisprudência par ticulares pela norma geral dos direitos e deveres do homem, a medida que seus julgamentos confirmam sua verdade numa certa consciência pública, o crime se interioriza e sua significa ção não pára de tornar-se cada vez mais privada" (Foucault, 1978, pg. 446). E ainda: "A interioridade psicológica foi constituído a partir da exterioridade da consciência es candalizada". (ibid., pg. 445).

ridade" cristã é marcada paradoxalmente por um imperativo de auto-renúncia. Como diz Foucault: "To know oneself was paradoxically the way to self-renunciation". (Foucault, 1988a, pg. 22). Pode-se dizer que esta verdadeira construção em abismo que vai se tornando a subjetivação no Cristianismo, tem como condição de existência a pressuposição de uma natureza secreta, de um parentesco inevitável com o Mal. A proliferação discursiva, a atenção cada vez mais rigorosa e detalhista aos vícios do corpo e do espírito visa paradoxalmente a uma renúncia de si, a uma eliminação de tudo o que nos distancia da contemplação de Deus. É um domínio que tem como princípio de proliferação a busca tendencial de sua auto-eliminação.

Foucault faz uma observação no último parágrafo do texto "Technologies of the Self" (Foucault, 1988a. pg. 49) que julgamos de capital importância para o que vimos discutindo. (Até aqui). Ele diz que do século dezoito até o presente, as técnicas de verbalização têm sido reinseridas em um contexto diferente pelas chamadas ciências humanas. Para ele estes saberes estão produzindo uma ruptura decisiva com a tradição cristã ao utilizarem tecnologias confessionais que defendem ao mesmo tempo um eu positivo, que não está obrigado a uma relação de auto-renúncia.

Acreditamos que os desenvolvimentos teóricos de Foucault sobre a "hipótese repressiva" podem ser relaciona dos a esta observação no sentido de delimitar o alcance da ruptura aí enunciada. As novas formas de "Cultura de si"que

as ciências humanas vêm delineando, não parecem romper com a noção de um poder essencialmente interditor, que impede a livre manifestação de nossas tendências mais fundamentais. O "Eu autêntico" que algumas práticas pretendem restituir nos parece inteiramente assentado nesse anacronismo teórico que é a representação do poder exclusivamente como lei ou interdição. Estas práticas também não parecem modificar em nada o que se poderia denominar o "benefício do locutor", o ganho em termos de prazer e de poder da posição de anunciador de nossas liberdades futuras ou de hermeneuta de nossas verdades secretas. Fundamentalmente a disjunção, característica de nossa cultura, entre conhecimento e poder permanece intacta.

Os novos saberes clínicos, versões muitas vezes re baixadas da psicanálise e do existencialismo, não mesmo com traços mais sutis da cultura, como a substancialização das práticas sexuais que passam a ser tributárias "desejos" ou "pulsões" específicas. Como assinala no segundo livro da "História da Sexualidade", um cidadão na Grécia Antiga poderia ter relações sexuais com rapazes sem que lhe fosse imputada nenhuma natureza homossexual. interrogação sobre as práticas sexuais entre dois indivíduos do mesmo sexo não versava sobre o "sujeito do desejo" destas ações, mas sobre a possibilidade destas serem exercidas forma compativel com o lugar na cidade dos homens livres. Gi rava em torno do eixo passividade/atividade e não da dicotomia heterossexual/homossexual. Não pressupunha duas

tâncias" sexuais diferentes, visando antes discutir a incom patibilidade entre o papel de dominado na atividade sexual e o lugar de dominante no jogo da atividade cívica e política. O desejo dos atores sociais não estava em questão, visto que como assinala Foucault "A seus olhos, o que fazia com que se pudesse desejar um homem ou uma mulher era unicamente o apetite que a natureza tinha implantado no coração do homem para aqueles que são 'belos', qualquer que seja o seu sexo" (Foucault, 1985a, pg. 168).

Utilizando-se de um esquema teórico que divide o comportamento sexual em três pólos - ato, prazer e desejo - Foucault chega a propor "fórmulas" relativas às épocas estudadas. Na fórmula grega os atos são enfatizados, com o prazer e o desejo como subsidiários. A fórmula cristã acentua o desejo através de uma problematização incessante que visa erradicá-lo. Os atos são neutralizados ao se estabelecer uma vinculação estrita deles à finalidade da procriação. O prazer é excluído prática e teóricamente. A fórmula moderna tem o desejo como seu centro absoluto, teoricamente privilegiado e práticamente aceito, visto que o imperativo é "liberar nos so próprio desejo" (in: Escobar, 1984, pg. 58).

A partir destes esquemas pode-se visualizar com mais nitidez a grande ruptura que a pastoral cristã virá instaurar em relação às práticas de si na sociedade grego-romana. O tema do desejo é o grande operador desta ruptura. O desejo como "... marca originária da natureza decaída..."

(Foucault, 1985a, pg. 42), como índice deste Outro em nós



"..., com suas artimanhas e seu poder de ilusão" (ibid., pg. 64). Enquanto nas técnicas de si na Grécia Antiga tratava-se uma relação de autodomínio, de uma relação agonística consigo mesmo em que as partes em conflito estão em um mesmo pla no ontológico, com o Cristianismo, introduz-se"... um poder surdo, ágil e temível que é tanto mais necessário quanto é capaz de se emboscar sob outras formas que não dos atos sexuais" (ibid., pg. 40). De uma relação de "domi nação-obediência" passa-se a outra de "decifração-purifica ção", onde o inimigo é o Outro Absoluto, um Outro que nos constitui enquanto seres marcados pela Queda. É esta cisão operada pelo tema do desejo que se apresenta como um dos gran des instrumentos críticos de Foucault no que se refere às "Ciências-confissão", entre elas a psicanálise.

Surge com o cristianismo esta nova problematização, o questionamento das práticas sexuais a partir do "sujeito do desejo". Enquanto na Grécia Antiga havia um isomorfismo entre práticas sexuais e práticas sociais, no Cristianismo a problematização da atividade sexual se "interioriza", abre um novo domínio onde os pensamentos são interrogados por si mesmos, pelas relações intrínsecas que estes possam ter com o Mal. Não se trata mais de saber se as práticas sexuais do indivíduo são compatíveis com seu papel ativo na cidade, mas se existe implicação do sujeito com os movimentos involuntários do espírito. Este modo de colocar as questões possibilitou uma relação de decifração-classificação do sujeito consigo mesmo, "... uma objetivação indefinida de si por si..." (Foucault, 1985c, pg. 37). Toda uma noso-política fundada

na noção de desejo torna-se possível. As "... longas listas de atos possíveis que serão encontrados nos penitênciais, nos manuais de confissão ou nos livros de psicopatologia; ..." (Foucault, 1985a, pg. 38) são o resultado, a nível do saber, de toda uma tecnologia confessional que se desenvolve com o Cristianismo.

Isto não quer dizer que o surgimento das "ciências humanas" não implique transformações neste solo anterior, mas segundo Foucault: "A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo" (Foucault, 1982a, pg. 62) E nós acrescentaríamos que é a noção de desejo (ou seu correlato cristão, a concupiscência) que sustenta toda uma produção discursiva baseada no binômio decifração - classificação.

O que expusemos aqui se apresenta para nós como um dos eixos fundamentais de questionamento que Foucault ende reça às "ciências-confissão", em especial à psicanálise. Pro curaremos agora expor o pensamento de Jean Laplanche, para depois discutir segundo esse referencial as proposições de Michel Foucault.

⁽⁴⁾ Este questionamento não se desenvolve em sua obra através de uma discussão dos pressupostos psicanalíticos, mas co mo uma tentativa de historicizar o seu discurso.

CAPÍTULO 2

LAPLANCHE E O APROFUNDAMENTO DA NOÇÃO DE REAL

"O esforço de Freud e de toda a reflexão psicanalítica consiste precisamente em procurar explicar a estabilidade, a eficacia, o cara ter relativamente organizado da vida fantasmatica do individuo".

Laplanche e Pontalis

2.1. Sobre a Teoria da Sedução Generalizada

Laplanche vem defendendo como um dos fundamentos do discurso psicanalítico o que ele denomina a "Teoria da Sedu ção Generalizada. Já em 1967, no "Vocabulário da Psicanálise" com J. B. Pontalis, encontramos no verbete "sedução" a seguinte colocação: "Mas toda a questão estã em saber se devemos derar offantasma de sedução uma simples deformação defensiva e projectiva da componente positiva do complexo de Édipo, ou se deve ver nele a tradução de um dado fundamental: o facto de a sexualidade da criança ser inteiramente estruturada por algo pais, que lhe vem como que do exterior - a relação entre os o desejo dos país que preexiste ao desejo do indivíduo e lhe dá forma. Neste sentido, a sedução realmente vivida, tal como o fantasma de sedução, não seriam mais do que a actualização desse dado". (Laplanche e Pontalis, 1983, pg. 613 - os grifos são nossos). Jã existe portanto neste momento da elaboração

teórica de Laplanche, o discernimento do que pode haver de <u>pu</u> ramente contingente nas situações de sedução vividas pela criança e o dado estrutural da relação desta mesma criança com o mundo adulto, com os fantasmas parentais que são condição de organização do seu próprio desejo.

No Livro "Vida e Morte em Psicanálise", que é considerado por Laplanche como um marco inicial do percurso teórico que será explicitado nas "Problemáticas", embora a ênfase recaia sobre a noção de apoio (Anlehnung) da sexualidade nas funções de autoconservação, encontramos também referências à sedução entendida como fator estruturante da sexualidade humana. Deixemos a palavra com o próprio Laplanche:

"O que é descrito, de maneira es quemática e quase caricatural, co mo um acontecimento na teoria freu diana do proton pseudos, compreen damos que se trata de uma especie de implantação da sexualidade a dulta na criança. Cremos que se pode reinterpretã-lo, não mais co mo acontecimento, como traumatismo vivido e datavel, mas como um fato ao mesmo tempo mais difuso e mais estrutural, um fato também mais originário, no sentido de que

⁽⁵⁾ As "Problemáticas" resultaran da transposição escrita dos cursos públicos ministrados por Laplanche a partir dos anos 70-71 na Universidade de Paris VII.

ele esta tão ligado ao processo de humanização, que somente por abstração que podemos supor a existência de um pequeno homem'antes' dessa sedução".

(Laplanche, 1985, pg. 52)

A teoria da seducão generalizada permite a Laplan che superar uma oscilação típica do discurso freudiano por um lado uma gênese puramente endógena da sexualidade e por outro a regressão infinita rumo a um acontecimento que termina por resultar em herança filogenética. No esta superação não era possível sem um aprofundamento da noção de realidade envolvida nas situações de sedução. Se Freud foi levado a substituir a realidade das situações de sedução pela fantasia como fator etiológico das neuroses, isto se deve à concepção restrita do tipo de realidade que está em jogo nes tas vivências originárias. Embora nunca deixe de atribuir lor patogênico às situações de sedução efetivamente outros fatores passam ao centro de suas investigações. A vida fantasmática e as fixações nas diversas fases libidinais progressivamente enfatizadas em sua abordagem teórico- clínina das neuroses.

No entanto, e isto é um traço característico do pensamento freudiano, Freud nunca se contentará com uma etiologia fundada exclusivamente na vida fantasmática do indivíduo, procurando sempre por trás dos roteiros fanstasmáticos que ia desvelando, as situações históricas que seriam seus fundamentos.

O caso do "Homem dos Lobos" pode ser assinalado co mo exemplo desta busca de um correlato histórico para as produções fantasmáticas do sujeito. É conhecida a controvérsia com Jung sobre a natureza da cena originária reconstruída a partir do sonho dos lobos. Para Jung a cena originária é uma "fanta sia retroativa" (Zuruckphantasieren), uma reconstrução inteiramente formulada a partir de problemas atuais. Freud admite a possibilidade de um tal tipo de construção mas insiste tam bém na efetividade das vivências da primeira infância. Nesta mesma análise encontramos outro exemplo desta exigência funda mental do pensamento freudiano quando este procura correlacionar a fantasia de castração ligada ao sonho dos lobos com amea ças de castração efetivamente pronunciadas.

Esta característica do discurso psicanalítico de provez mais distantes associados cada dos vinculos cura elementos manifestos, ganha em Freud uma dimensão verdadeira mente arqueológica, incitando neste um movimento de investigação regressiva que acaba por ultrapassar a vivência individual rumo à história da espécie. Laplanche chega a qualificar ta exigência como uma verdadeira paixão de Freud pela filogêne A famosa "lei de Haeckel" (a ontogênese reproduz logênese) permite a Freud um deslizamento do adquirido, do evento histórico a sua reprodução como 🦠 esquema ordenador de experiências. "Totem e Tabu" representaria o roamento desta procura de um evento fundador, esta tentativa

⁽⁶⁾ Mesmo se estas "vivências" ultrapassem a história individual, relacionando-se a "... resíduos de la historia de la civilización humana". (Freud, 1918, pg. 2007)

de escapar a uma gênese puramente subjetiva das situações pato lógicas e da organização normal. A qualificação de "mítica" que geralmente é atribuída a este tipo de investigação em Freud só serve para encobrir a exigência que a orienta e que visajus tamente um fundamento histórico para as vivências subjetivas. O conceito de fantasia originária tem um lugar preciso na economia do discurso freudiano, não se trata de uma simples "escorregadela" no biologismo e na filogênese, mas o resultado de uma pesquisa dos fundamentos, que ora recai sobre a história da espécie, ora vem se alojar no próprio indivíduo a partir do que poderíamos chamar o "ponto de vista endógeno" da constituição da sexualidade.

Existe no movimento de progressão do pensamento freudiano e depois dele, esquecimentos ativos, rebaixamentos, um verdadeiro processo de entropia em relação a alguns dos fun damentos deste discurso, onde contradições fecundas são "resol vidas" a partir de um nivelamento dos dados do problema.Laplan che circunscreve o momento mais biologisante do pensamento de Freud entre 1897 e 1905 (Laplanche, 1988a, pg. 77) e ressalta o caráter ambiguo de definições do tipo: A pulsão é "um concei to-limite entre o psiquismo e o somático"; é "o representante psíquico de estimulações que provêm do interior do corpo atingem a alma"; ela é "a quantidade de exigência de trabalho imposta à alma em consequência de sua relação com o corporal". (ibid, pg. 76). Pode-se mesmo assinalar que a noção de repre sentância (Reprüsentanz) do somático no psíquico pode, se não for interpretada, dar ensejo a uma dissolução da especificidade do discurso psicanalítico, recaindo no que o próprio Laplan

che denominara um "idealismo biológico" (ibid, pg. 77). Sem uma delimitação precisa do lugar do corpo e das funções de au toconservação no campo psicanalítico corre-se sempre o risco de ver este campo invadido por um biologismo generalizado onde os representantes pulsionais perdem toda a eficácia própria, transformando-se em lugar contingente de ancoragem dos sos (Drang) provenientes do corpo. A própria contingência do objeto como elemento " ... mais variável da pulsão..." (Freud, 1915a,pg. 2042). deve ser questionada se não queremos deslisar insensivelmente para o idealismo biológico. Se visamos car s contingência do objeto da pulsão (Trieb) em relação noção de instinto (Instinkt), podemos sem dúvida fazê-lo : ٦ā que não existe para este a tipicidade que encontramos no obje to dos comportamentos instintivos. No entanto se tomamos como ponto de referência um indivíduo particular, o objeto da são perde seu caráter "contingente" e como indicam Laplanche e Pontalis " ... é o conjunto da vida do indivíduo que se revela como modelado, estruturado por aquilo a que se poderia mar, para sublinhar seu caráter estruturante, uma fantasmáti ca". (Laplanche e Pontalis, 1983, pg. 232).

É importante mencionar aqui uma noção central dos desenvolvimentos teóricos de Laplanche que é a de objeto - fonte da pulsão. Laplanche procura escapar às ambigüidades da noção de pulsão como "Conceito-limite", ao defender a idéia de que a "exigência de trabalho" imposta ao aparelho psíquico não provém de algo inteiramente exterior a ele, mas de um "corpo estranho interno", de um objeto excitante que é interior ao psiquismo embora externo em relação ao contorno egóico. A fonte da

moção pulsional é o resultado da ação das lembranças recal cadas e das fantasias, são os representantes-coisa que têm co mo característica fundamental o fato de serem fechados a quali quer referência ou significação. A relação com o corpo tornase muito mais complexa que uma simples relação de "delegação", de "representação". A relação destes representantes-coisa com (com as zonas erógenas de forma privilegiada) pela mediação egóica, por um ego-corpo constituído por metaforização do contorno corporal. Os representantes-coisa de ser os representantes dos implusos provenientes do corpo nível do psiquismo, eles passam a ser concebidos CO "coisas" para o pró mo fontes internalizadas funcionando como prio psiquismo. A constituição dos representantes-coisa cor responde à formação de uma alteridade interna ao psiquismo, de um modo de funcionamento que tende pelas vias mais rápidas ao escoamento da moção pulsional.

Deve-se assinalar que esta noção de objeto-fonte es tá intimamente ligada à teoria da sedução em Freud, já que nesta fase de sua elaboração teórica eram as recordações das vivências traumáticas que funcionavam como objetos excitantes internos e que mobilizavam por parte do ego "defesas" patológi-

⁽⁷⁾ Laplanche define assim os "representantes-coisa": Sabemos que las representationes son en él (no inconsciente) representaciones de cosa o representaciones-cosa(Sachvonstellungen) tomadasa menudo del sensorio visual-es lo que llamamas, por ejemplo, "imagos" - pero también de dominios no necessariamente vi suales, por exemplo esquemas de acción que podemos denominar perceptivo-motores, y que formam parte de las represen taciones más primitivas; comer, incorporar, retener, expulsar, despedazar, en el corazón de los fantasmas inconscientes" (Laplanche, 1987d, pg. 124).

gicas", (funcionando segundo o processo primário). A famosa fra se de que as "histéricas sofrem de reminiscências" pode ser com preendida neste contexto.

Poderíam ser demarcadas na progressão do pensamento freudiano momentos em que a noção de pulsão é mais biologisada obedecendo a um esquema do tipo: excitação somática → pulsão → fantasia, enquanto em pleno desenvolvimento da teoria da sedução o esquema seria o seguinte: recordações das cenas → impulsos ou recordações das cenas → fantasias → impulsos (cf. Laplan che, 1987a, pg. 118).

Existe assim, uma tendência em Freud de ancorar a vida fantasmática dos indivíduos em duas realidades distintas. Por um lado uma fundamentação filogenética ou histórica, que vai buscar na "... história primordial da família humana ..." (Laplanche, 1988c, pg. 131) os acontecimentos que servirão de base para a formação das fantasias originárias, verdadeiros roteiros fantasmáticos trans-individuais que serviriam como es quemas ordenadores das experiênciais individuais, tendo primazia em relação a estas sempre que houvesse alguma contradição entre os esquemas e as experiências 8. Por outro uma fundamentação biológica puramente endógena, sem âncora no "passado da

⁽⁸⁾ A passagem canônica de Freud sobre isso situa-se no "Homem dos Lobos": "Alli donde las vivencias no se adaptan al es quema hereditario, se inicia una elaboración de las mesmas por la fantasia, labor que seria muy interessante perseguir individu almente. Precisamente estos casos son may apropriados para demonstrar-nos la existência independente del esquema. Podemos observar con frecuencia que el esquema logra la victoria sobre la vivencia individual, como sucede en nuestro caso cuando el padre llega a ser el castrador y el peligro que amenaza a la sixualidad infantil, a pesar de de existencia de un complejo de Edipo totalmente inverso. Las contradiciones entre la vivencia y el esquema parecem procurar rico material a las conflictos infantilies". (Freud, 1918, pgs. 2007 e 2008).

família humana", em que a fantasia passa a ser considerada como pura eflorescência imaginária de uma sexualidade naturalizada. Citaremos uma passagem de Freud, destacada por Laplanche e Pontalis no livro "Fantasia Originaria, Fantasias das Ori gens, Origens da Fantasia": "Se é verdade que os histéricos re duzem seus sintomas a traumatismos fictícios, o fato novo que eles fantasiam tais cenas; portanto, é necessário levar em conta, a par da realidade prática, uma realidade psíquica. Não tardou em descobrir-se que essas fantasias serviam para dissimular a atividade auto-erótica nos primeiros anos da infância, para os embelezar e os situar num nível mais elevado. Então, por tras dessas fantasias, surgiu em toda a sua amplitude vida sexual da criança". (Laplanche e Pontalis, 1988, pg. 26os grifos são nossos). A fantasia é aqui tomada como máscara, construção puramente defensiva, visando evitar a crueza da ati vidade sexual espontânea na infância.

Esta concepção é inteiramente antagônica com uma abordagem da gênese da sexualidade como intrusão, como transbordamento do universo infantil pela sexualidade adulta, a criança encontrando-se sem meios simbólicos de resposta, de ligação (Bindung) do afluxo energético pelo qual ela se vê invadida. É esta concepção da gênese da sexualidade como importação, como intrusão da vida fantasmática dos adultos no universo infantil que a teoria da sedução generalizada permite desenvol ver, escapando assim a dupla aporia a que Freud se viu constrangido, obrigado a buscar o evento fundador em um recuo cada vez mais longínquo seja na história da espécie, seja na história individual.

Faltava a Freud, no nosso entender, uma mediação in dispensável para abordar a gênese da sexualidade sem o recurso à filogênese, nem a um ponto de vista puramente endógeno. É a ausência de um enfoque intersubjetivo que faz Freud derivar do indivíduo à espécie. O confronto da subjetividade nascente com o universo adulto, com suas formações imaginárias, permitiria a Freud contornar este transcendental-empírico que são as fan tasias originárias, ao mesmo tempo constituintes da sexualida de humana e constituídas em um tempo histórico indeterminável.

É curioso notar que em uma obra tão extensa quanto a de Freud, a abordagem da sexualidade a partir de um ponto de vista intersubjetivo seja praticamente uma exceção. Freud parece se aproximar deste ponto de vista ao destacar a importância dos cuidados maternos como fator de erogeneização, como primeiro contato da criança com a sexualidade adulta. A passa gem de Freud assinalada por Laplanche é a seguinte:

"Aqui a fantasia toca o solo da rea lidade efetiva, pois foi efetivamen te a mãe que, no desempenho dos cui dados corporais, necessariamente provocou e talvez mesmo despertou pela primeira vez sensação de prazer no orgão genital".

(Laplanche, 1988a, pg. 116)

⁽⁹⁾ Laplanche cita especificamente "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância" (1910) e "O Tabu da Virgindade" (1918), que expoem "... um ponto de vista insolito na obra de Freud..." (Laplanche, 1988c, pg. 97)

No entanto isso que Laplanche vai denominar um "pro gresso na factualidade" (Laplanche, 1988b, pg. 126) não a alcançar um estatuto teórico preciso e ser correlacionado com o restante da trama conceitual em psicanálise. Seu valor rístico é perdido visto que permanece como observação isolada. É a ausência de um conceito teórico que permitisse especificar o conjunto dos fenômenos subsumidos pelo termo sedução Preso a factualidade das situações impede Freud de avançar. de sedução ele se vê constrangido a seguinte opção: ou fantasia, ou realidade. No entanto esta alternativa poderia ultrapassada se houvesse um aprofundamento do tipo de realida de envolvido nas situações de sedução. É este aprofundamento que Laplanche reinvindica com sua "Teoria da Sedução Generali zada", reservando para as situações específicas de sedução matizadas por Freud a denominação de "Teoria da Sedução Restri ta". (cf. Laplanche, 1988a, pg. 112).

Laplanche utiliza uma oposição pertinente à língua alemã para assinalar a diferença entre a sedução encarada como situa ção originária e as tentativas casuais de sedução de um adulto em relação a uma criança. Os termos considerados são Winklichkeit (efetividade) e Realitht (realidade factual). Existiria para Laplanche uma situação absolutamente necessária, constitutiva da sexualidade humana, em relação a qual situações de violên cia sexual na infância não seriam mais do que casos particulares. O termo Winklichkeit (efetividade) viria delimitar es te tipo de realidade, distinguindo-a de qualquer acontecimento fortuito que incidisse no modo de constituição de um sujeito particular. Trata-se de um conceito ampliado de realidade

que ultrapassa a dicotomia real/imaginário e aponta para uma situação onde a passividade da criança não se circunscreve a qualquer ação específica, sendo fundamentalmente "...passivida de com relação à fantasia do adulto que faz intrusão (Laplanche, 1985, pg. 105). É o fato de certas fantasias mesmo de certas inscrições originárias (os representantes-coisa) serem obscuras para os próprios adultos que cuidam da ança que resultará em efeito traumático, em ultrapassamento da capacidade de simbolização da criança em um determinado momen No entanto é importante assinalar que são necessários lo menos dois "momentos" para que o traumatismo se produza efe tivamente. No primeiro tempo existe simplesmente a inscrição desses significantes originários, que ficam como que enquista dos, separados do fluxo normal de representações (seria o pri meiro tempo do recalcamento). Em um segundo tempo estes signi ficantes são reativados a partir de novas capacidades de simbo lização da criança. Entre o primeiro e o segundo tempo existe um acontecimento fundamental que é a formação do ego como instância psiquica diferenciada. Com a reativação a posteriori dos primeiros traços mnésicos o ego se vê atacado por onde não esperava, voltado que está para o exterior com o intuito de nuar o efeito mobilizante das percepções desagradáveis através do mecanismo da atenção. Em relação a este afluxo de ções internas o Ego não tem como responder através de seus pro cessos normais de defesa (atenção e evitação, por exemplo). De sencadeia-se então uma "defesa patológica", funcionando segundo o processo primário. Esta defesa será justamente o segundo tempo do recalicamento e visará contrainvestir as ções originárias que ficarão como um "resto" dessimbolizado in capaz de se incorporar as tentativas de simbolização desen volvidas pela criança (as chamadas "Teorias sexuais infantis").

É importante sublinhar este funcionamento primário dos mecanismos de defesa, que a fantasia localiza-se nas duas pontas do conflito psíquico. Seja como moção pulsional inconsciente através dos fantasmas de desejo (Wunschphantasie), seja do lado do ego através das fantasias de defesa. O Ego enquanto metáfora realizada do corpo tem como substrato de seus mecanismos de defesa fantasmas corporais, sendo um exemplo privilegiado o isolamento, que Freud irá relacionar com os tabus de contato.

2.2. Resposta a Algumas Posições de Foucault

"... car si la pulsion trouve son origine précisenent dans des messages (bien sûr pas uniquement dans des messages verbaux), on doit dire qui'l n'y a pas d'emblée opposition de nature entre le pulsionnel et l'intersubjectif, entre le pulsionnel et le culturel".

Jean Laplanche

Procuraremos agora demonstrar que a Teoria da Sedu ção Generalizada de Jean Laplanche permite responder de forma satisfatória a algumas das críticas mais contundentes que Foucault e outros pensadores franceses (em especial Gilles De leuze e Felix Guattari) endereçaram ao campo psicanalítico.

Discutiremos aqui a chamada representação jurídico discursiva do poder em psicanálise (a noção de Lei e o Comple xo de Castração) e a imputação de "familialismo" ao discurso psicanalítico, a centralização dos processos de constituição do desejo em torno do triângulo edípico. (cf. "O Anti-Édipo"). Deixaremos para o último capítulo a questão da "hermenêutica do desejo".

Embora a crítica de "familialismo" não seja foucaul diana existe um desenvolvimento teórico no primeiro livro "História da Sexualidade" que acentua também a correlação psicanálise entre sexualidade, família e verdade. Seme recorrer a um parâmetro alternativo em relação ao discurso psicanalíti-(como a noção de desejo em Deleuze e Guattari), utilizando uma abordagem puramente histórica, Foucault também vai assina lar no campo psicanalítico a soberania da instância familiar como formadora da sexualidade e do desejo. A ideia de Foucault é que a psicanálise funcionaria como um dispositivo prático que realizaria uma "função", o rebatimento de uma xualidade construída a partir de procedimentos cada vez capilarizados de poder em um eixo formador único, onde desejo e interdição se implicariam mútuamente. A psicanálise pecaria então por anacronismo, rebatendo uma produção histórica (a "se xualidade") em uma configuração histórica anterior (correspon

⁽¹⁰⁾ E Foucault tenha mesmo demarcado em uma entrevista a diferença de sua posição em relação à de Deleuze (cf. Kritzman, 1988, pgs. 32 e 33).

pondendo ao "dispositivo da aliança"). Esta "falha" do discur so psicanalítico cumpriria, no entanto, uma função positiva, de servir como uma espécie de "formação de compromisso" os dois dispositivos, um fundado em uma coordenação básicamente jurídica das diferenças (dispositivo da aliança) e o outro extremamente mais flexivel visto que substitui o funcionamento binario do primeiro dispositivo (lícito/ilícito) por uma nosopolítica generalizada, pela classificação exaustiva das dife renças (este corresponderia ao "dispositivo da sexualidade") . Não se trata, como assinala Foucault, de simplesmente gerir as diferenças, mas também de produzí-las de uma forma útil, de ma ximizar a equação docilidade-utilidade. A psicanálise viria se inserir justamente na passagem de um dispositivo permitindo um melhor controle dos "transtornos" deste trajeto". Discurso de compromisso que acena com a idéia de uma sexuali dade polimorfa mas que descobre sempre no fundo de si mesmo instância monolítica da Lei, a interdição do incesto e as rela ções de parentesco12.

⁽¹¹⁾ cf. J. Donzelot no livro "A Polícia das Famílias", sobre a aproximação entre Freud e Keynes e a tentativa de esca par à alternativa "entre liberalismo anárquico e centralismo autoritório". (Donzelot, 1980, pg. 207). Segundo Donzelot "todo o séc. XIX não descansou enquanto não encontrou um princípio de equilíbrio entre a necessidade de impor nor mas sociais de saúde e educação, e a de manter a autonomia dos indivíduos e a ambição das famílias como princípio da liberda de de iniciativa" (ibid. pg. 207). O freudismo se inseriria, na perspectiva deste autor, na brecha entre o discur so liberal e as novas exigências de regulação do social.

⁽¹²⁾ Pode-se mesmo perguntar se o desdobramento natural das posições de Foucault seria o desaparecimento da psicanali-se assim que houvesse um recobrimento total do despositivo da aliança pelo da sexualidade.

Ora, o que podemos depreender do discurso de La planche, o que ele assinala de forma explícita em seu último livro (cf. Laplanche, 1987a, pg. 159), é que o Édipo e o Com plexo de Castração embora tenham um lugar privilegiado no processo de simbolização dos indivíduos em nossa cultura, ocupam um lugar secundário em relação à sedução originária (ibid., pg. 154), que podem sem prejuízo para o discurso psicanalítico ser relacionados a contextos culturais específicos.

Em sua extensa discussão sobre o complexo de castra ção e seus efeitos reguladores (cf. Laplanche, 1988c) Laplanche demonstra claramente sua posição na maneira como perguntas. Encontramos nas páginas 163 e 164 do livro das "Problemáticas" estas indagações: "Essa castração, que a psicanálise descobre quando interpreta as mais diversas formações, a castração que atua nas fantasias que trazemos luz, sera que faz verdadeiramente parte do conteudo primario do inconsciente? Será parte integrante do id ... ou, contrário, será muito mais superficial, muito mais adventícia, solidária das camadas superiores as do superego ou do ego_ ... A castração estará ligada ao mais íntimo nossas pulsões, de nossos desejos? Ou será, pelo contrário, um modo de defesa em relação aos nossos desejos ou, pelo menos, um modo de orga nização secundária daqueles, uma forma de pôr em ordem um uni verso pulsional, inicialmente "polimorfo ...?" (Laplanche, 1988 c). Já na página 221 do mesmo livro encontramos uma formulação clara sobre o carâter "secundârio" da castração "... parece frequentemente que o inconsciente ignora os efeitos requladores da castração, aqueles que deveriam, teoricamente, conduzir

uma bela harmonia, a uma nitida diferenciação dos sexos e a um 'direito' ao livre exercício da sexualidade" (ibid.).

A lógica fálica (característica do complexo de tração) seria correlativa de um certo regime das ções, justamente aquele que se atém à lógica do terceiro excluí do, ao princípio da identidade. Se tomamos como exemplo O registro das cores, a lógica fálica dividiria este registro partir de uma oposição simples de presença/ausência do verde/não-verde. A possibilidade de n sexos é impensável registro fálico justamente porque um dos sexos se constitui por contradição absoluta em relação ao outro (Fálico/Castrado). A pergunta de Deleuze e Guattari "Por que não n sexos em vez de dois?" (ibid., pg. 158) poderia receber uma resposta afirmativa desde que a lógica fálica fosse circunstanciada, que os efeitos reguladores da castração fossem considerados como "ortodramatização" (o termo é de Lacan), uma forma privilegia da de organização pulsional permitindo um acesso mais ou menos bem sucedido à diferença dos sexos e das gerações. O fato ser considerado um momento privilegiado não o torna vel, não faz da castração o limiar último de humanização. Ou tras formas de simbolização que privilegiem mais a ambivalên cia e a diversidade são igualmente possíveis e é isto que La planche parece querer mostrar com sua comparação entre a cir cuncissão judaica e outras marcações rituais em povos sem es crita. (cf. Laplanche, 1988c).

O complexo de Édipo e o de castração seriam, nesta concepção, roteiros privilegiados fornecendo esquemas ordenadores para a vida pulsional. Estariam incluídos na categoria

das "fantasias originárias", se por isso entendemos não formas quase-transcendentais que ordenariam a experiência individual, mas protótipos sobre os quais o sujeito trabalharia 12 com vistas a produzir sua própria autoteorização. Duas passagens de Laplanche nos parecem bastante esclarecedoras a este respeito: "As fantasias são modeladas segundo protótipos que não são quais quer protótipos. Não são uma fabricação subjetiva qualquer - ou, em todo caso, essa fabricação subjetiva de uma fantasia sem pre se faz segundo certas linhas mestras definidas no que cha mamos 'fantasias originárias', entendendo-se por isso, justa mente, aquelas estruturas mais gerais ligadas, provavelmente à estruturação interhumana, sócio-cultural". (Laplanche, 1987b, pg. 247) e referindo-se ao processo analítico:

"Mas a auto-simbolização do ser humano não se faz a partir do nada, todo o ser humano, todo o analisante, não inventa todas as peças do romance da sua vida. Os cenários não são infinitos. O que significa que entre a autoteorização de que a cura e um momento privilegiado e a teoria geral da psicanálise hã lugar para um nível intermediário, o destes esquemas teóricos que em parte estão ligados a um ambiente cul

⁽¹²⁾ Laplanche observa no primeiro volume das "Problemáticas" que a palavra elaboração é composta pela raiz labor, "trabalho" (em alemão, bearbeiten: trabalhar). Que existe uma idéia constante em Freud, a tentativa de conceber modelos do aparelho psiquíco que atuem como máquinas ca pazes de realizar um trabalho específico (o trabalho de simbolização).

tural. Nesta altura temos especial mente presentes as teorias sexuais infantis, os complexos, etc. vemos nenhum incoveniente em reabi litar, a este nivel, o culturalismo, em situar por exemplo o Edipo e o complexo de castração como variantes possíveis destes cenários culturalmente propostos. Evidente mente, seria aqui que teriam lugar os 'fantasmas originārios', vez admitidos que estes esquemas fantasmāticos gerais não são filogeneticamente transmitidos, nem constitutivos do núcleo do inconsciente" (Laplanche, 1988b, pg. 167o grifo é nosso).

Poderíamos extrair um esquema da teoria da Sedução Generalizada em Laplanche onde o nível mais estrutural (invariante) seria a sedução originária, a confrontação da criança com o mundo adulto, e as fantasias originárias ocupariam o lugar de variável cultural, de roteiros "propostos" a cada criança pelo universo adulto onde se insere. O processo de singularização do sujeito se efetivaria através do trabalho de elaboração que este realizaria tomando como matéria estes rotei ros prototípicos. A inserção do sujeito na cultura se faria por uma autoteorização permanente, por uma retomada, a partir das capacidades atuais de simbolização, de um fundamento originário.

É importante assinalar que esta concepção da constituição do sujeito oferece uma via de superação de dicotomias do tipo

biológico/cultural, interno/externo 14 e responde às críticas que Foucault faz à problemática freudo-marxista da repressão da sexualidade, de uma implicação recíproca entre repressão ao sexo e exploração capitalista da força de trabalho. O que sustentação teórica a essa perspectiva é uma concepção essen cialista tanto da sexualidade, quanto do poder. 0 poder encarado aqui como essencialmente repressivo, marcado pela dua lidade fundamental do permitido e do proibido. Neste sua ação sobre a sexualidade é extrínseca, podendo impedir manifestação em um determinado momento, mas sendo incapaz alterar sua natureza ou impedir que em outras circunstâncias ela volte a se manifestar. É ainda aqui a concepção jurídicodiscursiva do poder que predomina, a idéia de que o poder se exerce por sanção e interdição.

Já vimos que é possível extrair de Laplanche uma crítica a qualquer limiar absoluto de humanização, seja ele fun dado no interdito do incesto ou em qualquer outro. A inscrição do sujeito na cultura não se daria por uma lei de "tudo ou na da" mas por um processo permanente de simbolização. O registro pulsional tem como condição de possibilidade as representações imaginárias presentes em todas as culturas. Sem o a priori das "fantasias originárias" não há transbordamento das capacidades de simbolização da criança, nem "efeito pulsão". Laplan che chega a formular uma hipótese, que ele mesmo considera me

⁽¹⁴⁾ Como diz Laplanche, nesta concepção a pulsão é um internoexterno. Interno em relação ao psiquismo, externo em relação ao Ego.

tafísica, mas que é inteiramente consequente com o seu mode lo teórico na qual a forca pulsional (Prang) é "... A medida da diferença ou do desequilibrio entre o que é simbolizável e o que não é nas mensagens enigmáticas trazidas à criança. É, se quizermos, a medida da quantidade de traumatismo". (Laplanche, 1988a, pq. 81). A pulsão não é algo que possa ser in terditado pela cultura visto que é constituída por ela. Diz respeito aos "restos" não-simbolizados, às lacunas no processo de simbolização inerentes ao trajeto de qualquer ser humano.

O que é fundamental no discurso de Laplanche, que ele enuncia como fato incontornável em qualquer cultura esta confrontação "traumática" da criança com o mundo adulto. É o estado de pré-maturação em que se encontra a criança te a um afluxo de informações que ela não tem capacidade de ligar. Desta concepção não decorre nenhuma afirmação sobre universalidade de qualquer formação imaginária específica parte dos adultos que venham a cuidar da criança. Não decorre, com muito mais razão, qualquer assertiva sobre o tipo de ção social que ligará cada criança ao mundo adulto. dizer, com Laplanche, que "... a sacrossanta universalidade Édipo se transforma numa solução, entre outras, para o proble ma posto pela situação (universal, aquela) da relação criança adulto, da entrada da criança num universo adulto" (Laplanche, 1988b, pg. 97).

2.3. Esclarecimentos Conceituais

Algumas precisões conceituais ainda se fazem neces-

sárias em relação a Teoria da Sedução Generalizada de Jean La planche. Delimitaremos sete ítens que consideramos importante abordar antes de retomar a discussão com Foucault. São eles:

- 2.3.1. Sobre a noção de passividade
- 2.3.2. Fantasia retroativa x a posteriori
- 2.3.3. Apoio x Sedução
- 2.3.4. Sobre o Sexual e o mão Sexual
- 2.3.5. Sobre a noção de fantasia
- 2.3.6. A posição do sujeito na tópica
- 2.3.7. A noção de representante-coisa

2.3.1. Sobre a noção de passividade

A noção de traumatismo sexual, de constituição da sexualidade infantil a partir de uma relação "intrusiva" das fantasias parentais no universo da criança apresenta algumas dificuldades já indicadas por Laplanche e Pontalis no texto "Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia". Como eles assinalam, a situação de passividade da criança em relação à sexualidade adulta pode acarretar a: "Ilusão, a doutrina de um mundo infantil inocente, no qual a sexualida de seria introduzida de fora por um adulto perverso! Ilusão ou, antes, mito cuja natureza é assinalada pelas próprias con tradições. Seria preciso, simultaneamente, conceber uma criança de antes dos tempos, um bom selvagem, e uma sexualidade já

existente, pelos menos em si, para que pudesse ser desperta da; seria necessário conciliar a invasão de um exterior num interior com a idéia de que, antes dessa invasão, talvez não houvesse interior; conciliar a passividade de uma significação puramente sofrida com um mínimo de atividade, sem o que a experiência não poderia ser sequer acolhida; conciliar a indiferença da inocência com a repugnância que se supõe ser provocada pela sedução. Em resumo, um sujeito anterior ao sujeito recebendo o seu ser sexual de um exterior que precedesse a distinção interior-exterior". (Laplanche e Pontalis, 1988, pgs. 32 e 33).

A não ser que se especifique que tipo de passividade é esta da criança corre-se sempre o risco de escorregar para a concepção de um sujeito "tabula rasa", superfície absolutamente permeável a qualquer inscrição. Laplanche se posiciona de forma bastante clara a este respeito, quando assinala, em seu último livro, a existência de esquemas perceptivo-motores no lactente que atuariam como vetores de orientação na sua relação adaptativa com o mundo. Destacamos a seguinte passagem:

"A este nivel adaptativo não se pode deixar de constatar a existência de esquemas perceptivo-motores, que nos permitem seguir o desenvolvimento do que se deve chamar a atenção, o hābi to, a memorização, etc. Todo este co nhecimento que se afirma vai tanto contra o lactente 'fechado' ... como contra o lactante 'tābua rasa'. sem vectores de orientação; porque, se este lactente tem homeostasias, ē

porque tem "valores", e e muito sugestivo descrever em termos de val<u>o</u> res vitais como faz Lagache, o que se visa como capaz de restabelecer equilibrios".

(Laplanche, 1988b, pg. 102).

Mais à frente discutiremos o lugar ocupado pelo "adaptativo" no pensamento de Laplanche. Por hora nos restringimos a mostrar que o "bebê" de Laplanche não é uma superfície absolutamente sem coerência interna, sem vetores privilegiadas de relação com o mundo. Laplanche vai tanto contra a idéia de um estado primário anobjetal quanto contra a concepção de um lactente inteiramente desprovido de vetores de orientação.

Embora sem se situar própriamente dentro do campo teórico da psicanálise este tipo de questionamento, as toma das de posição de Jean Laplanche relativas à presença de fato res inatos no bebê, nos parecem condição inicial de qualquer abordagem da sexualidade, sob pena de se privilegiar implícita mente um dos extremos que Laplanche procurou evitar. A noção de passividade deve ser circunstanciada para que se evitem as aporias tanto do sujeito "tabula hasa" quanto do sujeito moná dico, fechado sobre suas próprias representações.

Laplanche se serve repetidas vezes de um referencial al filosófico (principalmente de Spinoza e Leibniz) para circung

⁽¹⁵⁾ Que representa uma das concepções freudianas do nascisismo primário.

crever sua noção de passividade. No entanto existe uma defi nição formulada por ele que mesmo sendo muito condensada subli nha o essencial: "A passividade está toda inteira na inadequação para simbolizar o que ocorre em nos vindo de parte do outro" (Laplanche, 1988a, pg. 90). Existe ainda um complemento, nota de rodape, desta definição, que circunscreve ainda me lhor o seu sentido: "Quanto à atividade, ela só pode ser defi nida de forma negativa relativamente aquele que é passivo. ativo absoluto, adequado a si mesmo e as suas ações, não é adulto. Mas 'Deus'" (ibid, pg. 90). Este complemento é indis pensavel para o nosso propósito, visto que aponta para o cará ter relacional da noção de passividade. Se a adequação absoluta a si mesmo confunde-se com a ideia de Deus, a inadequação absoluta nos parece igualmente impensável .

Ao abordar a relação entre a mãe e seu filho, inconsciente planche comenta criticamente a noção de que "el es el 'discurso do outro'". (Laplanche, 1987c, pg. 130), ou desejo do outro. O que ele tenta demarcar é a defasagem termos de capacidade de simbolização da criança em relação aos adultos que cuidam dela. O "desejo da mãe" não vai ser simbolizado como tal pela criança, pois, como enuncia Laplanche, "..., entre este comportamiento-discurso-deseo de la madre la representación inconsciente del sujeto, no hay continuidad ni tampoco pura y simple interiorización; el niño no interiori za el deseo de la madre" (ibid., pg. 130). O inconsciente da criança se constitui por um processo de "desqualificação", inscrição de um "grupo psíquico separado", apartado do normal de representações. A inscrição na criança dos significantes maternos altera profundamente o "comportamento-discur so-desejo" da mãe e isto devido à defasagem entre a capacida de de elaboração psíquica da criança e o tipo de "mensagem" proposta. Esta defasagem nunca é absoluta visto que se as sim fosse não haveria sequer possibilidade de registrar o evento traumático. Ela é sempre relativa, sendo as mensagens passíveis de algum tipo de "metabolização". A criança não é completamente passiva em relação ao desejo do outro, visto que um mínimo de trabalho de simbolização é necessário para que qualquer acontecimento possa se inscrever psíquicamente.

O inconsciente é aqui considerado como o resultado de um fracasso estrutural, "resto" inexcedível do modo como se constitui a sexualidade humana. Ele não se afigura, nesta concepção, como lugar originário absolutamente avesso ao contato com a "realidade", mas constitui-se a partir de uma gênese histórica que irá marcar singularmente cada sujeito.

2.3.2. Fantasia Retroativa x a Posteriori

A noção de a posteriori (nachthuglich) é central no pensamento de Jean Laplanche. O traumatismo em dois tem pos constitutivo da sexualidade humana se dá por uma relação de reativação a posteriori das inscrições originárias do de sejo materno. No entanto o que caracteriza esta noção é a"... tensão bipolar entre os 'acontecimentos'..." (Laplanche, 1988a, pg. 124), sendo o efeito de posterioridade exercido sobre um conjunto determinado de representações. Isto diferencia cla

ramente esta noção da concepção junguiana das fantasias retroativas troativas (Zurückshantasieren). As fantasias retroativas sublinham fundamentalmente as situações presentes, não hátensão entre os dois momentos visto que o que conta são as urgências do vivido atual. A fantasia confina aqui com a noção de disfarce, de engodo. 16

A defesa do "realismo do inconsciente" em Laplanche visa justamente demarcar uma posição em relação ao recalque originário, à fixação das representações-núcleo do inconsciente. Laplanche distingue claramente sua posição daquelas vertentes do discurso psicanalítico que situam o recalque originário sob a rubrica do "mítico". Quanto a isso esta passagem de Laplanche é bastante esclarecedora: "Quel est le type de réalité du'refoulement originare'? Pas davantage que le refoulement 'proprement-dit', il n'est ni un temps mytique (comme on l'a prétendu) ni, pour autant, directement accessible à une observation ponctuelle. La raison on est très simple et, en aucune façon, métaphysique:se produisant en deux temps, selon la logique de l'aprés-coup, il peut être cerné, encadré dans une chrondogie mais il ne peut jamais être situé ponctuellement". (Laplanche, 1987a, pg. 134).

Ao insistir sobre o caráter determinado das inscrições originárias Laplanche pode contornar duas posição divergentes mas igualmente problemáticas no que se refere à noção de interpretação e ao material que ela visa. Por um lado uma vertente que substancializa o sentido, que faz do trabalho analítico um percurdo regressivo rumo a "... uma cena que entregaria, no seu texto,

⁽¹⁶⁾ Confrontar com a crítica de Joel Birman ao privilegiamento do eixo adaptativo em Jung (Birman, 1989, pgs. 46 a 63).

todo o seu sentido ..." (Laplanche, 1988a, pg. 113). Existe aí a negação da "tensão bipolar" entre as representações, a concepção ingênua de que uma cena originária poderia conter em si mesma todo o sentido da neurose. Esta ilusão de um "...sentido auto-suficiente..." (ibid., pg. 113) Laplanche a identifica no próprio Freud, em seu recuo incessante em direção a cenas cada vez mais originárias. O conrolário deste tipo de concepção é a ilusão racionalista de uma "dominação completa do inconsciente pelo consciente" (ibid.), de um desvelamento sem "restos" das fantasias que sustentam a neurose.

A outra posição criticada por Laplanche é descrita da seguinte maneira: "... se trata, ..., de demonstrar que el no busca una verdad histórica, que el es construcción de una verdad, que es una creación hecha por el psicanalista, o acaso una creación reciproca entre el psicanalista y el psicoanilizado". (Laplanche, 1987c, pg.84). Laplanche se coloca frontal mente contra este ponto de vista, opondo a ele o "realismo do inconsciente". Para ele a desconsideração destas verdades his tóricas", a tentativa de subumí-las no conceito de "construção" pode resultar em uma espécie de "... solipsismo a dois..." onde a referência à história singular do sujeito se perde.

Creio que o "realismo do inconsciente" em Laplanche de ve ser entendido neste contexto, como tentativa de preservar esta referência à singularidade histórica de cada um. A interpretação é sempre o resultado de uma "tensão bipolar" entre o momento presente e os eventos passados que insistem subjetivamente. O foco exclusivamente no

⁽¹⁷⁾ Em Freud a noção de construção (Konstruktion) não tem sentido de uma des consideração pelo vivido infantil. Não se trata de construir o inconsciente dizendo-o, mas de remontar ao material recalcado por uma via que não é a da rememoração. A distinção entre construção e interpretação não se refere ao material que elas visam mas ao modo de faze-lo.

passado gera a ilusão de um sentido auto-suficiente, de um acontecimento pontual que elucidaria todos os outros. A ênfase no presente favorece o "subjetivismo a dois", perpetuando as defesas que visam justamente desconhecer certas vivências 17. A própria relação analítica se desdobra no elemento da "posterioridade", em uma tensão permanente entre um antes não simbolizado e um depois que visa estes conteúdos de um outro lugar, a partir de novas possibilidades de simbolização.

2.3.3. Apoio x Sedução

Como é sabido Laplanche foi, junto com J.-B. Pon talis, um dos reintrodutores da noção de apoio (anlehnung) como conceito psicanalítico central para o entendimento da gênese da sexualidade humana. No entanto, ele mesmo irá as sinalar posteriormente o desgaste progressivo que este con ceito sofreu devido ao seu uso generalizado. Segundo ele "..., a sua sorte foi a de, verdadeiramente, ter servido pa ra tudo; há já algum tempo que se fala de apoio seja do e para o que for: apoio na mãe, apoio no biológico, apoio no corpo, ou então contra-apoio, ou ainda apoio da alma no cor po". (Laplanche, 1988b, pg. 149).

⁽¹⁷⁾ Utilizamos as palavras vivências e vivido com uma carga semántica que não se restringe a seu componente subjeti vo, nem à pura passividade do sujeito frente a um even to objetivo. Trata-se do modo de encontro entre a estrutura subjetiva e um evento objetivo.

Apesar do uso abusivo que este conceito sofreu ele tinha no pensamento de Laplanche contornos bem definidos. Tratava-se de traçar as linhas de derivação da pulsão al a partir das funções vitais, de especificar as de continuidade-descontinuidade entre um registro e o outro. Ao se percorrer as linhas de contiguidade e semelhança entre o registro sexual e o de autoconservação, estava-se simultâneamente demarcando as fronteiras entre um e outro, visto que se havia contiguidade do objeto (do leite ao "seio") e lhança de alvo (da ingestão à "incorporação") isto se dava a partir de uma mudança de registro. Refería-se à "perda" objeto real, à constituição dos primeiros objetos fantasmáti cas. O biológico ficava assim situado fora do campo discursivo da psicanálise. O corpo na tópica subjetiva é um corpo metaforizado, passível de uma "decomposição-recomposição" pe los mecanismos de condensação e deslocamento. O apoio é vitavelmente também desvio.

No entanto o uso da noção de apoio corre o risco de reintroduzir no campo psicanalítico um ponto de vista que justamente se procurou evitar. Laplanche é bastante incisivo a este respeito quando, ao referir-se à forma como a noção de apoio vinha sendo usada, enuncia: "Mas, mesmo tomado no seu melhor sentido (em seu sentido freudiano), trata-se ape nas do último marco de uma concepção fisiológica da pulsão sexual que deve ser abolida e invertida". (Laplanche, 1988a, pg. 80) e um pouco mais abaixo ele diz: "..., a única verdade do apoio é a sedução originária". (ibid., pg. 80).

Estas declarações podem parecer um tanto taxativas para quem se reconhece como um dos teóricos que contribuiu para que a noção de apoio voltasse a fazer parte do instrumental analítico em psicanálise. No entanto elas nos pare cem plenamente justificadas, em consonância com uma das exigências mais fundamentais do pensamento de Laplanche.

O trabalho permanente deste autor no sentido de demarcar a especificidade do discurso psicanalítico em relação a outros campos de conhecimento, em especial da biologia, ameaçava ser minado justamente por um dos seus alicerces teóricos mais importantes.

Já no texto "Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia" de 1964 encontramos uma observação de Laplanche e Pontalis, relativa à noção de experiência de satisfação em Freud, que consideramos fundamental no sentido de assinalar o que a noção de sedução originária traz de novo em relação ao apoio da sexualidade na autoconservação. Ao comentarem a concepção corrente de que as fantasias funcionam como compensações imaginárias para ausências no plano da realidade eles interrogam se:

"O proprio Freud, quando procurou apresentar um modelo teórico da constituição do desejo em seu objeto e seu designio, não credenciou esse modo de ver? A fantasia encontraria sua origem na satisfação alucinatória do desejo, reproduzindo o bebê sob forma alucinada, na ausência do objeto real, a

experiência de satisfação original. Neste sentido, as fantasias mais fundamentais seriam aquelas que ten dem a reencontrar os objetos alucinatórias vinculados as primeiras experiências do afluxo e da resolução do desejo" (Laplanche e Pontalis, 1988d, pgs. 77 e 78).

A noção de desejo como "... investimento alucinatório da lembrança de satisfação". (ibid., pg. 95) parece credenciar a concepção do senso comum, que subordina as formações imagi nárias à relações de carêncial real. É a perda do objeto real que, em última instância, subjaz como motor do desejo. desejo visa à "identidade de percepção", à reedição alucinatória das primeiras experiências de satisfação junto à Esta sutil hierarquia entre real e imaginário parece mais nítida quando tomamos como referência a concepção diana de que o abandono do investimento alucinatório se dá por sucessivas "decepções" em relação à satisfação esperada. Reproduzimos a seguinte passagem de Freud, destacada por La planche e Pontalis no "Vocabulário da Psicanálise": "... só a carência persistente da satisfação esperada, a decepção, acarretou o abandono desta tentativa de satisfação por da alucinação. No seu lugar, o aparelho psíquico teve de decidir-se a representar as condições reais do mundo exterior e a procurar nelas uma modificação real. Assim foi intro duzido um novo princípio da actividade psiquíca: já não representava o que era agradável, mas o que era real, mesmo que devesse ser desagradável". (Laplanche e Pontalis, 1983, pg.471).

É claro que existem em Freud concepções muito mais nuançadas desta inibição do investimento alucinatório 19, no entanto, como já havíamos sublinhado anteriormente, Freud sempre ter mina por ancorar as fantasias do indivíduo em alguma "realidade" exterior a elas. É neste contexto que a noção de sedução originária adquire todo o seu valor e se distancia do entendimento da gênese da sexualidade por "apoio" na autoconservação.

Como assinala Laplanche em "Vida e Morte em Psicanálise" o cerne da noção de apoio pode ser identificado pelo termo alemão Nebenwirkung, efeito marginal. Seria este efei to produzido à margem do processo puramente adaptativo da nutrição que permitiria o progressivo destacamento da sexualidade das funções vitais. O desvio se daria a partir de uma "recompensa em prazer", do caráter privilegiado de cer tas zonas corporais (as zonas erógenas) para a exposição este efeito marginal. Embora no texto a que estamos aludindo existam referências ao aspecto de intercâmbio das zonas eró genas, ao fato delas constituírem locais privilegiados đе troca com o mundo adulto, ainda assim existe uma ênfase no aspecto "metonímico" da derivação da sexualidade, na gênese a partir de uma diferenciação progressiva.

Este tipo de concepção aproxima perigosamente a gênese da sexualidade de um desenvolvimento puramente endó-

⁽¹⁹⁾ Cf. o texto de Laplanche: "Os princípios do funcioname<u>n</u> to psíquico: Tentativa de Esclarecimento". (in: Laplan-che, 1988a).

geno no qual o "efeito pulsão" seria o resultado de proces sos de natureza quantitativa. Reproduziremos uma passagem de Freud onde vemos expressa a idéia de um limiar quantitati vo de emergência da sexualidade (as observações entre parên teses são de Laplanche):

"... A excitação sexual se produz como efeito marginal (quardemos bem esse termo: efeito marginal: Nebenwirkung; ē ele, na realidade, que define o "apoio" em seu duplo movimento de apoio e depois de se paração, de desviol - de toda uma serie de processos internos, lex citações mecânicas, atividade mus cular, trabalho intelectual, etc.) tão logo a intensidade desses pro cessos ultrapasse certos limites quantitativos. Aquilo que denominamos pulsões parciais da sexualidade ou deriva diretamente dessas fontes internas da excitação, ou, então, representa um efeito combinado dessas fontes internas e da ação das zonas erogenas. (Laplanche, 1985, pg. 29 - o grifo é nosso)

O próprio Laplanche reconhecerá a insuficiência da noção de apoio como conceito chave para o entendimento da <u>gê</u> nese da sexualidade, da necessidade de outras mediações para que esta não volte a se aproximar de uma derivação puramente fisiológica. Destacamos esta passagem do último livro de Laplanche:

"A ideia que se discerne claramente em Freud, de uma gênese da sexualidade em conformidade com o apoio, e necessariamente, se a tomamos a serio, a de uma emergência, de uma divergência progressiva, no interior de um funcionamento biológico, entre a autoconservação e a sexualidade...

E exatamente isto o que e proposto por Freud, a proposito da sexualida de oral, no modelo chamado da "suc cão". Pois bem, se este esquema de rigorosamente conservar-se, na condição de não ver nisto um movimento que seria espontâneo nem endogeno. Temos como que uma espe cie de cebola de que se desprende uma pelicula superficial, uma de que se desprenderia uma petala. Pois bem, para explicar so com palavra aquilo que queremos dizer, a cebola não se descasca sozinha, ē a sedução que vem descascar, apoia da na autoconservação, uma películazinha que se pode chamar sexual. E a sedução que descasca a cebola da autoconservação, e não a consevação que, não se sabe por que movimento endogeno, se separa ria". (Laplanche, 1988b, pgs. e 150 - o grifo é nosso).

O que a noção de sedução originária traz de novo em relação à de apoio é a afirmação clara de que na origem da sexualidade nós encontramos mensagens, significantes enig

máticos cujo sentido é ignorado pelos próprios pais da crian A noção de sedução privilegia o eixo que liga a criança ao universo de sentido onde ela está inserida, é neste con texto que serão fixadas as primeiras representações-núcleo do inconsciente. A primeira "realidade" da criança é o uni verso parental, é a partir desta realidade originária que se constituirá sua sexualidade. Neste modelo a gênese da sexua lidade deixa de ser considerada em termos de um processo diferenciação progressiva, ela é o resultado de uma verdade<u>i</u> ra intrusão destas mensagens enigmáticas no universo As representações fantasmáticas da criança não são radas por um suposto "investimento alucinatório" das ras experiências de satisfação mas por um trabalho de simbolização que tem como objeto o "comportamento-discurso-desejo" materno. Na origem dos fantasmas infantis só se encontrarão outras fantasmas, nunca uma relação direta com a realidade. Podemos mesmo dizer que para a psicanálise é o eixo adaptati vo que irá se "apoiar" no registro propriamente sexual. noção de narcisismo, descoberta fundamental do pensamento "interesses" freudiano, assinala justamente a retomada dos (do nível adaptativo) a partir dos investimentos amorosos em Nenhuma relação adaptativa seria compreensível pa si mesmo. ra a psicanálise sem este a priori indispensável que é o amor de si, sem um reconhecimento primário de si a partir do inves timento amoroso dos outros. Como assinala Laplanche, embora o lactente não seja inteiramente desprovido de montagens adap tativas, estas não deixam de ser profundamente débeis. É regime da sexualidade que denominamos amor que permitirá

ego progressivamente tomar para si uma autoconservação primeiramente sustentada pelos outros.

A noção de sedução originária permite superar esta concepção da fantasia como realidade compensatória, de situá la na origem da sexualidade a partir das representações in conscientes do mundo adulto.

2.3.4. Sobre o Sexual e o não Sexual

A extensão que a psicanálise deu à noção de sexua lidade resulta em uma ameaça permanente à sua especificidade discursiva. A teoria psicanalítica parece, por vezes, poder abranger a totalidade dos empreendimentos humanos visto que sempre é possível encontrar em cada comportamento a marca do "sexual".

Laplanche tem uma consciência bastante clara deste risco, da possibilidade que a distinção entre sexual e não sexual desapareça e que os conceitos em psicanálise percam seu valor analítico. Não é certamente casual que seu último livro, "Novos Fundamentos para a Psicanálise", contenha uma ampla discussão sobre o processo de rebaixamento que os conceitos psicanalíticos sofrem cada vez que são tomados na perse pectiva de uma psicologia geral. Laplanche chega a identificar uma verdadeira "tendência universal do movimento psicana lítico" que se realiza cada vez que: "... o aparelho da alma é descrito como aparelho psíquico em geral e, a partir deste

aparelho e principalmente das suas partes, que se chamam partes do 'eu' ou do 'consciente-préconsciente', propor-se-ia uma explicação geral dos comportamentos e das acções humanas" (Laplanche, 1988b, pg. 70).

É indispensável, portanto, delimitar este campo do "não-sexual" para que os conceitos em psicanálise possam preservar seu valor como instrumentos de análise. Procuraremos primeiramente traçar os contornos deste campo em Laplan che. A partir daí exploraremos de maneira mais aprofundada sua noção de sexualidade, o que qualificaria para Laplanche o regime própriamente pulsional.

Talvez o sentido mais estrito do não-sexual emLaplanche possa ser identificado à noção de autoconservação, aos comportamentos e montagens que visam o restabelecimento de um equilibrio à nível orgânico. A noção de autoconservação é bastante diferenciada no discurso de Laplanche, apre sentando pelo menos dois níveis principais. O primeiro cor responderia aos mecanismos de regulação das constantes νi tais que funcionam por retroalimentação, tais como os que re gulam as taxas de glicose ou gás carbônico no sangue. 0 segundo nivel corresponderia, grosso modo, à noção de ins tinto, às montagens psicofisiológicas que visariam por de ações específicas restabelecer um equilíbrio não passível de auto-regulação. Como já indicamos anteriormente che reconhece no lactente montagens deste tipo, esquemas per ceptivo-motores ligados ao aleitamento por exemplo.

No entanto, além das montagens reguladoras do tente existe uma outra dimensão do "adaptativo" que já situa inteiramente dentro do campo teórico da psicanálise. Es ta diz respeito à "retomada" do registro da autoconservação pela instância egóica. Como diz Laplanche trata-se do "instinto limitado", no qual o nível primário da autoconservação passa a ser sustentado por uma sexualidade "ligada". O ego é justamente esta instância que metaforiza a ordem vi tal no registro da sexualidade. Diferentemente do processo primário que visa o escoamento do excedente energético pelas vias mais curtas, o processo secundário procura esta energia para que ela possa ser liberada de forma adaptativa. Este é aliás um dos paradoxos de alguns modelos freudianos, onde os funcionamentos mais adaptativos do orga nismo têm sua gênese primáriamente voltada para a morte, para a evacuação total de seu nível energético.

Embora esta acepção do adaptativo em psicanálise, vinculada aos "interesses" egóicos, possa ser considerada co mo pertencendo ao registro pulsional, deve-se acrescentar que ela não retrata o que há de mais pulsional na pulsão, que ela passa ao largo da concepção mais radical da sexualidade em psicanálise.

Um dos resultados mais frutíferos do trabalho de interpretação dos textos freudianos realizado por Jean La planche diz respeito à situação do conceito de pulsão de morte no conjunto da sua obra. Diferentemente das historiografias tradicionais em psicanálise que enfatizam a novidade

do conceito de pulsão de morte, Laplanche vai tentar mostrar que ele representa muito mais uma retomada de uma exigência fundamental do discurso freudiano do que propriamente uma Evidentemente esta retomada se dá a partir de ruptura. um material novo, da formulação de novas questões, mas ela é muito mais aprofundamento do que corte. Para Laplanche o que produzirá um verdadeiro desequilíbrio na grade teórica rior é a noção de narcisismo, a centralização do psicanalítico no regime "ligado" de funcionamento da sexuali Esta sexualidade regida por Eros, apresentando timentos mais estáveis de objeto, era incompatível com a afir mação de uma sexualidade funcionando segundo o modelo do co-reflexo, por descarga total do afluxo energético. A noção de pulsão de morte vem justamente retomar este aspecto "demo níaco" da pulsão, ou como diz Laplanche: "... los irreductibles, irrecuperables, no díalectizables de la pulsión sexual" (Laplanche, 1987c, pg. 170). É este aspecto inconci liavel da pulsão que receberá em Freud o nome de pulsão de morte e que apontará para "o que há de mais pulsional" na própria pulsão.

Para Laplanche o último dualismo pulsional tem como seu fundamento uma oposição que atravessa todo o discurso freudiano, a oposição entre energia livre e energia ligada. À descarga imediata e completa da energia psíquica se opõe a função inibidora de um grupo de representações constantemente investidas; esse complexo de representações corresponde justamente ao ego. O ego tem essa função primária de ligação da energia livre, de investimento constante de ca

deias de representações. Ele metaforiza o funcionamento homeostático do organismo, tentando manter em seu "interior"um nível energético estável.

A sexualidade teria, portanto, dois regimes đе circulação, um "livre" correspondendo à pulsão de morte e outro ligado, correspondendo à pulsão sexual e à função bidora do ego. Laplanche vai identificar em Freud a utiliza ção de modelos fisicalistas quando se trata de descrever nível mais radical de funcionamento da sexualidade e de mode los biológicos quando é o ego que é visado. Os mecanismos de defesa e principalmente o recalcamento atuariam como um pára-excitações interno, buscando preservar o contorno co do funcionamento maquínico da pulsão de morte. A relação entre ego e pulsão quardaria uma analogia com a que confronta o organismo a seu meio, visto que em ambos os casos objetiva preservar um nível energético próprio frente às for corresponde cas equalizadoras externas. A pulsão de morte ria a um funcionamento maquínico das representações, um deslizamento incessante, sem lastreamento egóico.

A partir destas observações pode-se constatar que a significação mais radical da sexualidade em Laplanche implica, como em Freud, uma incompatibilidade com o registro adaptativo, mesmo aquele sustentado pelo ego. A experiência psicanalítica se constitui a partir de uma convenção de base que atravessa o próprio registro da linguagem. Como diz Laplanche: "... toda a linguagem não é tomada na transferência, toda a linguagem não é linguagem segundo o amor e o ódio..."

(Laplanche, 1988a, pg. 53). A ampliação das possibilidades adaptativas do sujeito é sempre considerada a partir deste recorte que funda a situação analítica. A interpretação vi sa os condicionantes pulsionais da ação, é o trabalho so bre estes condicionantes que permitirá ou não ao sujeito uma relação mais adaptativa com o meio.

2.3.5. Sobre a Noção de Fantasia

Já no "Vocabulário da Psicanálise" Laplanche e Pontalis questionavam a concepção da fantasia como reinvestimento de traços mnêmicos ligados à satisfação de uma necessidade. Para eles, mesmo em suas versões menos elaboradas, as fantasias nunca seriam redutíveis a objetos intencionados pelo desejo como a necessidade visa um objeto natural. No verbete "Fantasia" encontramos enunciados alguns dos traços fundamentais deste conceito. Tratam-se sempre de "encenações", de conjuntos organizados de cenas onde o próprio sujeito ocupa um lugar. Estes "roteiros" são, na maior parte das vezes, visuais. Sendo fundamentalmente encenações de desejo portam no seu desdobramento as marcas do conflito defensivo. Resultam, portanto, da tensão permanente entre os dois modos de circulação da libido.

Como já havíamos mencionado anteriormente as fanta sias participam dos dois pólos do conflito defensivo. Elas se apresentam como encenações de desejo, mas também como substrato das ações defensivas do ego. Não há, como queria o

primeiro dualismo pulsional em Freud, um conflito direto entre sexualidade e autoconservação. Só um outro regime da sexualidade, aquele ligado aos processos egóicos, pode "bar rar" a tendência primária à descarga total da libido.

A presença ou não de lastreamento egóico é um dos fatores determinantes na localização da fantasia na psíquica. No texto "Fantasia Originária, Fantasias das Ori gens, Origens da Fantasia" Laplanche e Pontalis diferenciam as fantasias originárias dos devaneios diurnos pelo posição do sujeito nas cenas. Neste texto as fantasias originárias ainda são consideradas, como em Freud, o núcleo primário inconsciente. Enquanto o devaneio se constitui como um ro teiro em primeira pessoa, onde o lugar do sujeito é "marcado e invariável", no caso das fantasias originárias ocorre verdadeira ausência de subjetivação, passando o sujeito fazer parte da cena como um elemento entre outros. Laplanche e Pontalis identificam como traço característico do processo primário esta ausência de lastreamento egóico, a possibilida de de que o sujeito ocupe várias posições na sintaxe do tasma. No entanto, como Laplanche irá observar em "Vida Morte em Psicanálise", a noção de processo primário implica um minimo de "pontuação", de ligação da energia livre. função de ligação é característica do ego, é ela que permite que alguns representantes-coisa se fixem a partir da venção de representantes-verbais. Sem este lastreamento míni mo nenhuma sintaxe fantasmática seria possível, nenhuma tasia inconsciente poderia tomar corpo. Isto significa a oposição fundamental entre energia livre e energia ligada

se verifica nas próprias formações do inconsciente, que a pulsão de morte sem nenhum lastreamento egóico representaria um estado limite, "... a designar um logos que seria necessariamente mudo..." (Laplanche, 1985, pg. 129).

2.3.6. A posição do Sujeito na Tópica

Procuraremos agora diferenciar ego e sujeito. Toma remos a palavra sujeito no sentido de sujeito da fala, de pólo de onde derivam as intenções significantes.

Para Laplanche deve-se evitar a vinculação do sujeito da fala à qualquer uma das instâncias da tópica (no ca so, da segunda tópica). Para ele a posição dos teóricos bri tânicos que separam um "self" (a personalidade moldada a par tir do percurso identificatório do indivíduo) da egóica, acaba por resultar em uma racionalização do ego, em uma redução únicamente a seu aspecto adaptativo e racional. Não faz sentido identificar uma instância como portadora "verdade" do sujeito, seja ela o ego ou mesmo o inconsciente. A clivagem do sujeito implica um descentramento das intenções significantes que não precisam estar identificadas, em defi nitivo, a nenhuma instância. Antes de se desdobrar a tópica em uma "instância sujeito" talvez fosse mais proveitoso, do ponto de vista teórico e clínico, falar em posição subjetiva. Não situar definitivamente um lugar de verdade para o sujeito é possibilitar que a referência à singularidade possa ser exercida e que a atualidade das forças em conflito não fique

reduzida a um mero formalismo que separa verdade e erro.

2.3.7. Sobre a Noção de Representante- coisa e o Realismo do Inconsciente

Procuraremos em relação ao conceito de representante-coisa em Laplanche respeitar seu método de interpretação da obra de Freud, tentanto individualizar, a partir da litera lidade do que é dito, qual a exigência teórica que fundamenta este regime de enunciação. A exigência teórica diz respeito ao que, a nível do trabalho conceitual, se coloca como mento originário, como conjunto de questões permanentes de um autor. Elas obedecem, portanto, ao esquema do a posteriori, sendo retomadas a cada momento de uma trajetória intelectual a partir dos operadores conceituais em uso. Isto não signifi ca reduzir os desenvolvimentos teóricos à "psicologia" do tor, mas visa indicar a implicação necessária entre o sujeito que enuncia e aquilo que é dito. Os enunciados são sempre en raizados no contexto discursivo de onde derivam, nas circunstâncias históricas e, porque não, na singularidade de cada um que resolve tomar por si mesmo uma palavra.

A noção de representante-coisa (Sachvorstellung) é retomada do discurso freudiano. Segundo o "Vocabulário da Psicanálise" a noção de "representação de coisa" em Freud

⁽²⁰⁾ Daremos preferência à tradução da sachvonstellung fredia na por representante-coisa e não representante de coisa. Se guimos aqui as indicações de Laplanche que mostram que na palavra composta alemã a "coisa" não ocupa o lugar de objeto a que se refere a representação, dizendo mais respeito à natureza desta. (cf. Laplanche, 1987d, pg. 103).

não deve ser entendida como um análogo mental do conjunto do objeto. A representação-coisa diz respeito ao modo como são reavivados certos traços mnésicos, certas inscrições psíquicas de objetos da experiência.

O sistema inconsciente em Freud é composto por es tas representações-coisa. O "índice de qualidade" necessário a que um fenômeno psíquico se torne consciente exige que representantes-coisa se associem a representações de palavra (Wortvorstellung). Não se trata, portanto, de uma diferença que esteja restrita à forma de sensibilidade em questão (auditiva ou visual). Esta diferenciação tem um Freud um alcance metapsicológico, especifica a divisão sistêmica da primeira tópica.

Como já vimos anteriormente, a noção de representante-coisa em Laplanche também não se restringe à dimensão visual, incluindo esquemas de ação do tipo: comer, incorporar, reter, expulsar, despedaçar, etc. A menção a estas representações primitivas "... en el corazón de los fantasmas inconscientes". (Laplanche, 1987d, pg. 124) parece retomar uma exigência do pensamento de Laplanche. Tanto no texto "Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia" quando no "Vocabulário da Psicanálise" no verbete "Fantasia" encontramos a mesma tentativa, por parte dos autores, de diferenciar o par desejo-fantasia de uma relação intencional onde o sujeito do desejo visaria os objetos fantasmáticos como a necessidade visa um objeto natural. Tratava-se de mostrar que a fantasia não podia, mesmo em suas formas mais primitivas,

ser caracterizada como um simples correlato psíquico de objetos da necessidade. A fantasia é aí muito mais roteiro do que cena. Implica um desdobramento, uma sintaxe própria que não reproduz simplesmente a relação natural com os objetos. O próprio "sujeito" figura como um elemento entre outros, não é o pólo intencional. Os esquemas de ação do tipo: incorporar, expulsar etc., comporiam esta sintaxe mínima do fantasma, onde o sujeito figuraria como um elemento. Toda a ambiguidade do discurso de Laplanche aparece na utilização da pala vra "... perceptivo-motores..." (ibid., pg. 124) para qualificar estes esquemas.

Se é inegável em toda a trajetória teórica de planche a procura sempre renovada da especificidade do discur so psicanalítico, dos alicerces teórico-clínicos que fundamen tam a singularidade dessa esperiência, não é menos verdadeira a constatação de que vemos algumas vezes o que ele expulsa pela porta entrar pela janela. Já analisamos anteriormente que a noção de apoio ainda podia implicar de continuidade en tre o registro do psíquico e do funcionamento orgânico. Nos parece que a utilização da noção freudiana de representantecoisa pode ocasionar perigos semelhantes. Embora estas ins crições resultem da relação da criança com o comportamentodiscurso-desejo materno, a enfase no aspecto sensorial, vivências sensoriais primárias da criança, pode ocasionar uma nova importação indevida do plano da autoconservação para da sexualidade. Lapalnche utiliza o mesmo sintagma, mas perceptivo-motores", para designar uma das montagens adap tativas do lactente e um dos domínios subsumidos pelo conceito

de Sachvorstellung. No próprio cerne das fantasmas inconscientes encontramos uma estranha proximidade entre autoconservação e sexualidade.

Este impasse conceitual no pensamento de Laplanche parece ter raizes mais profundas. Ao tentar distinguir sua posição relativa à linguagem do que ele considera ser o malismo do significante" em Lacan ele acaba por se aproximar de uma posição anteriormente criticada, a de um "empirismo do significado". (cf. Laplanche, 1987b, pgs. 198 a 203). O malismo do significante" corresponde à posição que considera relações de semelhança e contiguidade percebidas na como criações puramente linguísticas. A contiguidade percebida entre a vela e o barco a que pertence não tem um fundamen to real, ela é determinada lingüísticamente por expressões do tipo "barco a vela". O "empirismo do significado" é a sição oposta, que encara as metáforas e metonímias da lingua gem como resultantes a nível verbal de analogias e contiguida des já existentes no real.

Laplanche procura contornar as dificuldades teóricas destas duas posições ao considerar os efeitos criadores da linguagem, afirmando ao mesmo tempo a existência de analogias e relações de contiguidade anteriores à linguagem e que seriam o fundamento das possibilidades criadoras dos tropos lingüísticos. Destacamos a seguinte frase de Laplanche: "Uma metáfora como a metáfora surrealista só pode existir contra o fundo de metáforas já sedimentados na linguagem". (ibid., 203) e um pouco mais adiante, no mesmo parágrafo, "... os efeitos

de sentido apoiam-se sempre em semelhanças e contiguidades "Problemáti anteriores à linguagem" (ibid.,). No livro das cas" sobre o inconsciente e o Isso encontramos a seguinte pas sagem: "Metáfora y metonimia, para afirmar mi realismo nuo, sólo se comprendem por relación - aun cuando fuera leja na - com algún tipo de contiguidade o semejanza real. Y el termino 'real' postulo algo que se afirma, muy probablemen te, en el orden vital. Contiguidade y semejanza son recortes de la vida antes de ser dos direcciones del linguaje; es eminentemente lo que, en la generación de un vivente a partir de otro viviente, hace que ese nuevo viviente, ese viviente-niño, sea a la vez un pedazo del viviente materno, cualquiera sea el nivel en el cual uno se situé- ya en el nivel la ameba -, un pedazo recortado a partir de uma continuidad con el viviente materno; y es también el semejante, 'a la imagen' del viviente materno. Esto es lo que reencontramos en psicoa nálisis, con la idea de que, en el deseo, el niño es en cierta manera un pedazo de la madre (3 y esto es algo natural!), y que puede ser simbolizado facilmente como 'falo de la madre'; pelo lo que no hay que olvidar es que es también metáfora mato-psiquica de la madre, es decir autonomizado a su semejan za". (Laplanche, 1987d, pg. 138). Vemos o quanto a posição de Laplanche se aproxima nesta passagem de um "empirismo significado". A linguagem "apoia-se" em laços de contiguidade e semelhança relativos à ordem vital.

Constatamos, portanto, que a proximidade que assinalamos no discurso de Laplanche entre autoconservação e se
xualidade se reproduz ao nível das relações entre ordem vital

Se, como diz Lapalnche, não há oposição entre o pulsional e o intersubjetivo, entre o pulsional e o cultural (cf. Laplanche, 1987a, pg. 135) isto só pode ser entendido, se gundo nosso ponto de vista, a partir de uma distinção rigoro sa entre o plano da autoconservação e o da sexualidade. pulsional não se opõe ao intersubjetivo justamente porque ele não pertence à ordem vital, porque ele se constitui a partir das relações traumáticas da criança com as fantasias tais. Estas fantasias estão inteiramente imersas no registro da linguagem, não há como separar no humano "imaginário" "simbólico" sem cair nas aporias em que se vê envolvido La planche, ao postular analogias reais anteriores à linguagem. A estrutura do fantasma, sua gramática própria, só é inteligí vel a partir de diferenciações que dificilmente poderiam tar fundadas em "esquemas perceptivo-motores" ou no das representações visuais.

A separação entre significante e significado seja fazendo do significante uma "expressão" do significado (de analogias naturais anteriores à linguagem), seja atribuindo ao significante uma propriedade demiúrgica de produção de efeitos de significação a partir do nada, da pura materialida de da fala, parece sempre resultar em dificuldades teóricas insolúveis 21. Tanto o empirismo do significado quanto o for

⁽²¹⁾ Cf. com as críticas de Jurandir Freire Costa à noção de simbólico em Lacan. (Costa, 1989a; 1989b).

malismo do significante eludem o solo comum a partir do qual pode ser formulada e comunicada qualquer apreensão teórica da linguagem. Este solo comum diz respeito às práticas linguis ticas ordinárias, ao caráter situado do pesquisador. As regras combinatórias que o teórico estruturalista descobre são fundadas em regularidades linguisticas subjacentes às práticas cotidianas de linguagem. Estas práticas representam o elemento irredutível de qualquer formalização, pois sem elas os resultados teóricos seriam rigorosamente incomunicáveis. Por mais que se formalize sempre se retorna a este "solo originário".

A tentativa de Laplanche de escapar ao do significante parece acarretar tanto ou mais problemas a perspectiva que ele procurou evitar. Ao excluir do inconsciente a linguagem verbal (que só aparece aí "coisificada",des pida de seu conteúdo semântico) ele termina por produzir uma cisão aparentemente intransponível entre inconsciente e consciente. Não se vê como representações absolutamente resisten tes a significação, "... cerradas sobre sí mesmas y no desti nadas a la comunicación." (Laplanche, 1987d, pg. 127) poderiam adquirir o índice próprio aos fenômenos de consciência, que se relacionam à linguagem verbal. A pergunta feita por che no livro IV das "Problemáticas" de "... cómo poderia exis tir conflicto, verdaderamente, entre un consciente puro y un inconsciente puro que no se poderian conocer el uno al otro?" (ibid., pg. 167) parece difícil de responder dentro dos mar cos teóricos onde ele se movimenta.

A concepção de linguagem que sustenta as posições de Laplanche parece produzir em seu discurso, ainda que tas vezes de forma pontual, uma aproximação não intencionada en. tre o registro da autoconservação e o da sexualidade. Embora fundado no "comportamento-discurso desejo" materno o registro pulsional parece manter-se, no discurso de Laplanche, excessi vamente próximo da ordem vital, justamente por sua insistência em "expulsar" a linguagem do inconsciente. Os perceptico-motores" que encontramos no coração mesmo dos fantasmas inconscientes, assinalam justamente esta transitividade entre o sexual e a autoconservação no seu discurso. O que poderia especificar a sexualidade humana enquanto inevitavelmente marcada pelo registro da linguagem se perde nesta tenta tiva de Laplanche de contornar certas dificuldades da concep ção lacaniana da linguagem e do inconsciente.

Acreditamos que a concepção de representante - coisa possa ser sustentado, desde que se procure interpretar qual a exigência teórica que faz Laplanche retomar esta noção freu diana. O conceito de representante-coisa aponta para a alteridade radical do Isso (das Es) freudiano. A utilização de um pronome neutro para denominar esta instância psíquica indica bem que nível de impessoalidade é próprio às moções pulsionais que compõem o Id. Como diz Laplanche: "... en el momento en que se afirma en el psicoanálisis, de eses anos de 1920, una teoría del yo que vuelve a poner en sitio de honor nociones como la de 'razón', hasta aquella de 'autonomia', es ir, como por una suerte de equilibramineto, en el sentido de la impersonalidad y la heteronomia". (Laplanche, 1987d, pg. 190).

A retomada da noção de representante-coisa por La planche viria sublinhar este aspecto repetitivo, cerrado so bre si mesmo, das simbolizações próprias ao inconsciente. No entanto, diferentemente de Freud, Laplanche vai insistir sem pre sobre a necessidade de um processo de constituição, de re calcamento do pólo pulsional do aparelho psíquico. em Freud a noção de Id facilitava interpretações de cunho bio logisante, em Laplanche será permanentemente afirmado, a peito de todo o paradoxo, o caráter secundário do dito primário. A retomada das Sachvorstellungen tem exatamen te o sentido de indicar que a alteridade dos processos incons cientes não se resolve pelo dualismo mente/corpo, que existe no seio mesmo do psíquico funcionamentos autônomos e repeticoncepção tivos que não se enquadram de nenhuma maneira na de um Eu intencional e auto-realizador. Como diz Laplanche:

"No se trata entonces de situar el proceso primario antes ni de mostrar como se construiría a partir de el un processo racional, secundario, adaptado; lo que hay que explicar, por el contrario, es como este proceso primario se constituye por reducción, a partir de fenómenos más reglados, más estructurados". (ibid., pg. 144).

A sexualidade, para Laplanche, se constitui a partir deste processo de "redução", em que alguns lastros são perdidos, em que a intrusão das fantasias parentais obriga um movimento de

"... descomposición-recomposición ..." (ibid., pg. 130) destas mensagens enigmáticas. Laplanche não acena em seu discurso com nenhuma possibilidade de compor estes efeitos traumáticos em uma "bela harmonia". Não há limiar absoluto de humanização no curso de Laplanche, para ele: "Todas las estructuras humanas son defectuosas y afortunadamente". (ibid., pg. 145).

A utilização da noção de representante-coisa parece válida se visa indicar a especificidade das simbolizações in conscientes, seu caráter repeititvo e aparentemente sobre si mesmo. Ela acarreta problemas insolúveis se procura mos através dela cernir a natureza última dos processes conscientes. Frente a formas de simbolização mais os fenômenos de repetição que habitualmente referimos a cessos inconscientes aparecem como muito mais intransitivos, resistentes à relativização pela palavra. Disto não decorre uma incompatibilidade destes processos com o registro da linguagen. Para que qualquer fantasia inconsciente possa "tomar corpo", mesmo aquelas mais dessubjetivadas, é necessário minimio de "pontuação", de diferenciação dos elementos em Parece bastante difícil explicar como esta diferenciação pode se dar fora do registro da linguagem.

CAPÍTULO 3

Em um dado momento de uma entrevista com Dreyfus e Rabinow, Foucault é questionado sobre a proximidade de sua abordagem do sujeito em relação a de Sartre. A resposta de Foucault é a seguinte:

"Acho que do ponto de vista teori co, Sartre evita a ideia do indi viduo como algo que nos ē porem atraves da noção moral autenticidade, ele volta à ideia de que temos que ser nos mesmosser verdadeiramente o individuo que somos. Penso que a unica con seguência prática aceitável que Sartre disse esta em relacionar seu 'insight' teórico à práti ca de criatividade - e não de au tenticidade. A partir da idéia de que o individuo não nos ē dado, acho que hã apenas uma consequência prātica: temos que criar a nos mesmos como uma obra de arte". (in: Escobar, 1984, pg. 50)

Em um de seus últimos textos ("The Subject and Power") ao tentar identificar os traços comuns de uma série de novas formas de lutas populares (o texto foi pulicado em 1982) ele diz:

"They are struggles which question the status of the individual: on the one hand, they assert the right to be different and they underline everything which makes individuals truly individual. On the other hand, they attack everything which separates the individual, bresks his links with others, splits up community life, forces the individual back on himself and ties his own identity in a constraining way.

These struggles are not exactly for or against the 'individual', but rather they are struggles against the 'government of individualization'". (Foucault, 1983a, pgs. 211 e 212).

Mento comum para estas duas assertivas, fundamento este que especifica o parâmetro crítico de Foucault tanto em relação a uma moral da auto-renúncia como a do Cristianismo como em relação a uma ética da autenticidade como a de Sartre. Tanto uma quanto a outra eludem uma possibilidade de relação consigo que é a de uma criação permanente de si. É esta forma ética que encontramos na defesa que Foucault faz do pensamento como despreendimento de si na introdução do segundo livro da "História da Sexualidade". É ela que permite pensar criticamente as novas tecnologias de si das ciências humanas, que acenam com a possibilidade de um Eu positivo.

Embora estejamos vivendo um período onde a disjun

ção operada pelo Cristianismo entre a dimensão moral e cultura de si venha sendo superada, não resulta disso uma abertura para práticas próximas ao que Foucault denomina uma "estética da existência". A possibilidade de uma relação es tética consigo mesmo sofre os constrangimentos discursivos im postos por todo um conjunto prático-teórico que Foucault cunha rá ironicamente com o termo "Ciências-confissão". saberes que terminam por atar o indivíduo a si mesmo de uma forma objetivamente. A própria necessidade de defender uma especificidade teórica obriga estes saberes a vincularem а noção de sujeito a alguma concepção de verdade, a alguma natu reza secreta. A "sexualidade" tem sido o modo dominante ta articulação. Nos parece característico do discurso de Foucault desde a "História da Loucura na Idade Clássica" jus tamente o questionamento da vinculação sujeito-verdade. Como ele mesmo sugeriu em mais de um momento²², seus livros ser interpretados como análises do modo específico como articulação se realizou em diferentes contextos prático-teóri cos.

Trata-se, portanto, de libertar o sujeito destas amarras que o prendem a si mesmo, no sentido de inaugurar uma relação que não seja mais ordenada pelo "decifra-te a ti mes mo", mas por um vinculo estético, por uma "estilização da li berdade".

⁽²²⁾ Cf. A entrevista de Foucault para Gerard Raulet. (in: Kritzman, 1988, pg. 30).

Embora bastante tentadora, esta exortação para "criar a nós mesmos como uma obra de arte" fundamenta-se, nosso entender, em uma concepção precária de como o se constitui e de quais são os constrangimentos objetivos sua liberdade. Evidentemente, sabemos que Foucault não acena com nenhuma utopia literária como poderíamos encontrar em uma problemática de tipo freudo-maxista. Não há exterioridade entre poder e liberdade, mas "relação agonística" entre ambos, confronto perene. Se o vínculo não é de interdição idéia de uma liberdade alheia a todo o constrangimento perde o sentido. No entanto, como tentamos demonstrar, existe parâmetro crítico na abordagem de Foucault das "tecnologias de si" que permite situar sua concepção do sujeito em ção a de outros autores, como Sartre por exemplo. E este parâmetro sofre das mesmas dificuldades teóricas que vimos ten tando assinalar nas relações que Foucault estabelece entre subjetividade e poder.

Se sua abordagem representa, segundo nosso ponto de vista, um avanço em relação à problemática freudo-marxista ela ainda parece excessivamente ingênua no que se refere aos constrangimentos que "nos atam a nós mesmos".

Laplanche em um determinado momento do livro das "Problemáticas" sobre a sublimação tece o seguinte comentário a respeito da possibilidade de surgimento do novo na situação analítica: "No pretendo, con este tema de lo nuevo, oponer en forma abrupta a lo familiar o a lo familiarizado, a la cantilena 'papá-mamá' (que se ha convertido, para mayor 'dignidad',

en el Padre - la Madre) un creacionismo abusivo, también él demasiado frecuente. Se habla de inyección de significante, se habla de lo arbitrario necesario de la interpretación, se habla del acto analítico como de uma verdadera creación ex nihilo, que seria una donación de sentido, que haria existir lo nuevo simplesmente diciéndolo. No son ciertamente mis posiciones. Pero, sin adoptar esta actitud preconcebida que opone al determinismo lo arbitrario de la intervención del analista, pienso que cabe preguntar-se si existe, y cuáles son las condiciones, para el ser humano, una reapertura de su destino, respertura parcial, limitada tal vez y que no es ciertamente otorgada a todos". (Laplanche, 1987c, pg. 128).

Embora estas colocações tenham outros destinatários, pensamos que elas poderiam também ser endereçados à concepção de sujeito presente no discurso de Michel Foucault. Este "cria cionismo abusivo" que Laplanche identifica em certas ções do discurso psicanalítico elude os mesmos elementos Fundamentalmente estas posições a abordagem foucauldiana. realizam um desconhecimento ativo do que Laplanche denomina "realismo do inconsciente", o fato de que certas marcações originárias tenham um peso de destino para o próprio sujeito. De destino, mas também e principalmente de possibilidade singularização, visto que o que o "criacionismo" acaba por_ desconhecer é justamente a singularidade do sujeito. trata simplesmente de privilegiar o "passado" em detrimento do presente mas de sublinhar o caráter atual das inscrições originárias do inconsciente, que insistem subjetivamente por permanecerem à margem dos processos de simbolização. Não

trata também de privilegiar uma "realidade psíquica" em de trimento da "realidade material", mas de propor uma ampliação da própria noção de realidade. Consideramos que uma das dificuldades de base dos saberes que realizam alguma articulação entre as injunções sociais e a subjetividade é a manutenção da pesada dicotomia entre real e imaginário²³. Como articular dois domínios, um marcado pela referência a processos sociais objetivos e o outro prisioneiro de produções que só parecem remeter a si mesmas?

A presença subjacente desta dicotomia concorre para as ocilações tão comuns no discurso das ciências humanas entre objetivismo e subjetivismo. Passa-se do ponto de vista anônimo das Epistêmê ou das "estratégias sem sujeito" para a possibilidade de uma ética centrada em um exercício estético de si mesmo, na invenção permanente de si. As linhas de passa gem, o modo de coordenação destes dois pontos de vista não é desenvolvido e nem poderia. Embora com uma concepção apurada das formadas de exercício de poder Foucault ainda parece pe car pela excessiva exterioridade que as injunções sociais tem em relação à formação do sujeito. Não basta simplesmente dizer que o poder não é sempre inteditor, que ele é produtivo, se

⁽²³⁾ Não se trata com isso de sugerir que as simbolizações próprias a cada um são um mero decalque da "realidade" ou das injunções sociais. A noção de elaboração psíquica, de trabalho de simbolização oferece uma perspectiva crítica em relação a este tipo de concepção. O que se busca sublinhar é que o "subjetivo" não é o lugar da pura arbitariedade. que ele apresenta determinações, e que a psicanálise visa justamente algumas dessas determinações.

esta afirmação não é circunstanciada pelo modo como as $i\underline{n}$ junções sociais "produzem" o sujeito e por sua capacidade de "tomar distância" em relação a elas.

É neste sentido que a concepção de simbolização Laplanche ganha todo o relevo visto que a noção de a posterio ri que a sustenta indica justamente esta possibilidade do su jeito trabalhar psiquicamente as inscrições originárias de seu inconsciente a partir de suas capacidades atuais de simbo lização. Sendo que os materiais simbólicos (mitos, teorias, produções artisticas, etc.) que permitirão ao sujeito zar este trabalho, são passíveis de variabilidade cultural. Não se trata de vincular de forma definitiva o movimento elaboração do sujeito a nenhum roteiro preestabelecido, de afirmar a importância de pelo menos dois momentos para que se realize qualquer simbolização no psiquismo. O simples fato de que se sublinhe teoricamente este aspecto evita a série de aporias em que terminam por cair todos os discursos que enfa tizam em demasia seja o momento atual, seja as vivências Evita também, através da concepção ampliada de dade que está implicada na noção de sedução originária de La planche, que se fique prisioneiro da falsa alternativa: fan tasia ou acontecimento.

Não há neste tipo de concepção uma dicotomia entre "objetivo" e "subjetivo". O eixo formador das primeiras representações fantasmáticas do sujeito não é a realidade autoconservativa, nem simplesmente as "vivências de satisfação". Ele é desde o começo relação com "mensagens", como o comporta

mento-discurso-desejo materno. A noção de realidade efetiva 24 (Wirklichkeit) em Laplanche permite que se estabeleçam ções entre a criança e seu "meio" que não são de pura exterio ridade, onde as formações subjetivas não precisam ser das pelo signo da arbitrariedade. O trabalho de simbolização da criança já se recorta sobre um contexto simbólico e não sobre "objetivos reais". Este contexto não é qualquer, definido pelas simbolizações próprias aos adultos que cuidam O lactente em Laplanche não é um ser solipsista, do brado sobre si mesmo, não é também inteiramente permeável ās injunções externas visto que apresenta "vetores de orientação", formas privilegiadas de relação com o mundo. ção com o meio não está determinada a priori, nem é pura sequência de suas ações. Depende de um trabalho de auto-simbolização, de tensão sempre renovada entre um "an tes" vivido passivamente e um "depois" que tenta retomar as inscrições originárias para configurar um sentido que viabili Tanto o "criacionismo abusivo" quanto ze o sujeito no mundo. as abordagens deterministas acabam por desconhecer este traba lho, por privilegiar um dos pólos dessa tensão permanente en tre o "antes" e o "depois".

⁽²⁴⁾ A noção de realidade efetiva não pode ser apreendida sem uma espécie de "suspensão" dos pares objetividade-subjetividade, realidade-imaginação. As vivências traumáticas da criança não são puramente subjetivas, nem podem ser assinaladas pontualmente.

É esta atividade de elaboração permanente do sujei to sobre seu próprio passado e sobre o discurso dos outros; que visamos enfatizar neste trabalho. Ela é evidentemente cir cunstanciada pelo modo como se inscreveu este "discurso do ou tro", mas é também abertura permanente para os materiais simbólicos de uma cultura, como forma de exercício de si a par tir das simbolizações partilhadas com os outros.

CONCLUSÃO

No final da entrevista já mencionada com Dreyfus e Rabinow, Foucault irá situar em Descartes o momento onde se opera um corte em profundidade entre moral e conhecimento. O sujeito do conhecimento em Descartes não precisa realizar nem hum trabalho sobre si, nenhuma ascese espiritual para chegar a verdade. Ela pode ser obtida a partir de uma evidência di reta, sem a mediação dos exercícios de si. Como diz Foucault: "Antes de Descartes, não se poderia ser impuro, imoral e conhecer a verdade" (in: Escobar, 1984, pg. 69).

Já no primeiro livro de Foucault "Doença Mental e Psicologia" encontramos enunciada uma problemática que irá atravessar a sua obra:

"Esta relação que funda filosoficamente toda a psicologia possivel so pode ser definida a partir de um momento preciso na história de nossa civilização: o momento em que o grande confronto da Razão e da Desrazão deixou de se fazer na dimensão da liber dade e em que a razão deixou de ser para o homem uma ética para tornar-se uma natureza".

(Foucalt, 1984a, pg. 98).

Estamos plenamente de acordo com Foucault quando ele sustenta já em "Doença Mental e Psicologia" a dimensão

objetivante da procura de uma verdade que se interioriza cada vez mais, que rompe assim seus laços com as implicações ético-políticos que qualquer discurso tem. Nossa diferença não visa esta exigência do pensamento de Foucault, mas o tipo de démarche adotado por ele na sua abordagem da noção de sujeito. Se não podemos nos furtar da dimensão estratégica de qualquer discurso, trata-se sempre nas escolhas que realizamos de delinear quais são os verdadeiros perigos, quais discursos nos atam a nós mesmos de uma forma objetivante.

Se a "hermenêutica do desejo" pode ser considerada um novo avatar desta razão convertida em natureza, em essência secreta, ela também apresenta, no nosso entender, uma mensão que não é necessariamente objetivante. Esta diz peito a abordagem das situações em que nos tornamos prisionei ros de nos mesmos, em que nos confrontamos com " ... o dramá tico silêncio de um sujeito condenado a ser durante toda sua vida seu próprio carcereiro". (Aulagnier, 1989, pg. 61). As mediações discursivas que nos permitiriam pensar estes constrangimentos internos estão excluídas de uma abordagem co mo a de Foucault. Esta exclusão não se restringe à regionali dade teórica do discurso de Foucault, à ausência de uma refe rência à clinica, mas diz respeito aos pressupostos de base de sua abordagem do sujeito, da ênfase exclusiva nas injunções sociais. Não buscamos com o presente trabalho negar a pertinência de uma abordagem histórica do sujeito, mas ressaltar que a ausência de algumas mediações teóricas ou do aprofundamento de certas questões pode resultar em um novo

"perigo", embora diferente do que nos afiguram as "ciênciasconfissão". Este perigo é o do "criacionismo abusivo" do
desconhecimento ativo das marcações históricas que nos configuram como sujeitos singulares. Pensamos que a articulação
entre ética e conhecimento na teoria psicanalítica tem como
um de seus eixos ordenadores essa referência à singularidade,
este paciente trabalho de reconstrução que a psicanalista
Piera Aulagnier, com muita razão, comparou ao de um historia
dor.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, P. "A crise da crise do Marxismo Introdução a um debate contemporâneo", São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.
- 2. Aries, P. et alli. "Sexualidades Ocidentais", S.P., Ed. Brasiliense, 1985.
- 3. Assoun, P.L. "Freud, a Filosofia e os Filósofos", RJ, Francisco Alves, 1978.
- 4. Assoun, P.L. "Introdução à Epistemologia Freudiana", RJ, Imago, 1983.
- 5. Assoun, P.L.-Freud e Nietzche", SP, Ed. Brasiliense, 1989.
- 6. Aulagnier, P. "O Aprendiz de Historiador e o Mestre Feiti ceiro - Do discurso Identificante ao discurso delirante", SP, Escuta, 1989.
- 7. Baudrillard, J. "Esquecer Foucault", RJ, Ed. Rocco, 1984.
- Birman, J. et. alli. "Percursos na História da Psicanálise",
 RJ, Taurus, 1988.
- 9. Birman, J. "Freud e a Experiência Psicanalítica", RJ, Taurus, 1989.
- 10. Blanchot, M. "Foucault como o Imagino", Lisboa, Relógio d'
 áqua Editores.
- 11. Castel, R. "O. Psicanalismo", RJ, Graal, 1978.

- 12. Chaves, E. "Foucault e a Psicanálise", RJ, Forense Universitária, 1988.
- 13. Costa, J.F. "Psicanálise e Contexto Cultural Imaginário Psicanalítico, Grupos e Psicoterapia", RJ, Ed. Campus, 1989a.
- 14. Costa, J.F. "As sombras e o sopro", in: Novos Estudos, Cebrap, SP, Nº 24, julho de 1989b, pgs. 71 a 93.
- 15. Coutinho A.R. "Pressupostos da Noção de Subjetividade",in:

 "Cultura da Psicanálise", Filgueira, S.A. (org.), SP,

 Brasiliense, 1985, pgs. 62 a 93.
- 16. Deleuze, G. e Guattari, F. "O Anti-Édipo Capitalismo e
 Esquizofrenia", RJ, Imago, 1976.
- 17. Deleuze, G. "Foucault", SP, Brasiliense, 1988.
- 18. Donzelot, J. "A Política das Famílias", RJ, Ed., Graal, 1980.
- 19. Dreyfus, H.L. e Rabinow, P. "Michel Foucault Beyond Structualism and Hermeneutics", Chicago, The University of Chicago, 1983.
- 20. Ducrot, O. "Estruturalismo e Lingüística", SP, Cultrix.
- 21. Ducrot, O. e Toderov, T. "Dicionário das Ciências da Lingguagem", Dom Quixote, 1982.
- 22. Escobar, C.H. "O Dossier Últimas Entrevistas", RJ, Taurus, 1984.

- 23. Foucault, M. "Sobre a Arquelogia das Ciências (Resposta ao Círculo Epistemológico)"in: "Estruturalismo e Teoria da Linguagem", Foucault, M. et. alli., Petropólis, Ed. Vozes, 1971. pgs. 09 a 55.
- 24. Foucault, M. "Resposta a uma Questão", in: "Epistemologia",
 Foucault, M. et. alli., RJ, Templo Brasileiro; № 28, JanMarço 1972, pgs. 57 a 81.
- 25. Foucault, M. "Historie de la Sexualité: «I La Volanté de Savoir", Paris, Ed. Gallinard, 1976.
- 26. Foucault, M. "Vigiar e Punir" Petropolis, Ed. Vozes, 1977.
- 27. Foucault, M. "História da Loucura na Idade Clássica", SP, Ed. Perspectiva, 1978.
- 28. Foucault, et. alli. "L' Impossible Prison", Paris, Ed. du Seuil, 1980a.
- 29. Foucault, et. alli. "O Nascimento da Clínica", RJ, Forense, Universitária, 1980b.
- 30. Foucault, M. "História da Sexualidade I: A Vontade de Saber", RJ, Graal, 1982a.
- 31. Foucault, M. "Microfísica do Poder", RJ, Graal, 1982b.
- 32. Foucault, M. "The suject and Power", in: "Michel Foucault.

 Beyond Structuralism and Hemeneutics". Dreyfus, H.L. e
 Rabinow, P., Chicago, The University of Chicago, 1983a,
 pgs. 208 a 226.

- 33. Foucault, M. "O Verdadeiro sexo", in: "Herculine Barbin.

 O Diário de um Hermafrodita", RJ, Francisco Alves, 1983b,

 pgs. 01 a 09.
- 34. Foucault, M. "Doença Mental e Psicologia", RJ, Tempo Brasileiro, 1984a.
- 35. Foucault, M. "Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão", RJ, Graal, 1984b.
- 36. Foucault, M. "História da Sexualidade II. O Uso dos Prazeres, RJ, Graal, 1985a.
- 37. Foucault, M. "História da Sexualidade III. O Cuidado de Si", RJ, Graal, 1985b.
- 38. Foucault, M. "O combate da castidade", in: "Sexualidades Ocidentais", Ariés, P. et. alli., RJ, Brasiliense, 1985c, pgs. 25 a 38.
- 39. Foucault, M. "As Palavras e as Coisas", SP, Martins Fontes, 1985d.
- 40. Foucault, M. "A Arqueologia do Saber", RJ, Forense-Universitária, 1986a.
- 41. Foucault, M. "La Verdad y las Formas Jurídicas", México, Gedisa, 1986b.
- 42. Foucault, M. "Nietzche, Freud e Marx Theatrum Philoso-ficun, SP, Ed. Principio, 1987.

200

- 43. Foucault, M. "Technologies of the Self", in: "Technologies of the Self", Martin, L.H. et alli, London, Tavistock Publications, 1988a, pgs. 16 a 49.
- 44. Foucault, M. "Politics and Reason", in: "Michel Foucault:

 Politica, Philosophy, Culture", Kritzman, L.D. (org.)0,

 London, 1988b, pgs. 57 a 85.
- 45. Foucault, M. "Isto não é um cachimbo", RJ, Paz e Terra, 1988c.
- 46. Foucault, M. "L'hermeneutique du sujet", in: "Resumé des Cours", Foucault, M. Paris, Julliard, 1989a, pgs. 145 a 166.
- 47. Foucault, M. "Resumé des Cours", Paris, Julliard, 1989a.
- 48. Foucault, M. "L'ordre du Discours", Paris, 1989b.
- 49. Freud, S. "Nuevas Observaciones sobre las Neuropsicoses de Defensa", (1896a), Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, vol.1.
- 50. Freud, S. "La Etiologia de la Historia", (1886b), vol.I.
- 51. Freud. S. "Mis Opiniones Acerca Del Rol de la Sexualidad en la Etiologia de la Neurosis", (1905a) Vol. II.
- 52. Freud, S. "Tres Ensayos para una Teoria Sexual", (1905b) vol. II.
- 53. Freud, S. "Historia de una Neurosis Infantil (caso del 'Hombre de los Lobos')" (1914), Vol. II.

- 54. Freud, S. "Los Instintos y sus Destinos", (1915a) Vol. II.
- 55. Freud, S. "La Represion", (1915b) Vol. II.
- 56. Freud, S. "Lo Inconsciente", (1915c) Vol. II.
- 57. Freud, S. "Sobre la Sexualidad Feminina", (1931) Vol. III.
- 58. Freud, S. "La Feminidad", in: "Nuevas Lecciones Introductorias al Psicoanalisis", (1932), Vol. III.
- 59. Garcia-Roza, L.A. "Freud e o Inconsciente", RJ, Zahar, 1984.
- 60. Hoy, D.C. et. alli. "Foucault: A Critical Reader", Basil Blackwell, New York, 1986.
- . 61. Lalande, A. "Vocabuláire Technique et Critique de la Philosophie", Paris, PUF, 1988.
 - 62. Laplanche, J. "Vie et Mort en Psychanalyse", Paris, Flammarion, 1970.
 - 63. Laplanche, J. "Hölderlin et la Question du Pére", Paris, PUF, 1984.
 - 64. Laplanche, J. "Vida e Morte em Psicanálise", Porto Alegre,
 Artes Médicas, 1985.
 - 65. Laplanche, J. "Nouveaux Fondements pour la Psychanalyse",
 Paris, PUF, 1987a.
 - 66. Laplanche, J. "Teoria da Sedução Generalizada e Outros Ensaios", Porto Alegre, Artes Médicas, 1988a.

- 67. Laplanche, J. "Novos Fundamentos para a Psicanálise", Portugal, Edições 70, 1988b.
- 68. Laplanche, J. "Problemáticas I: A Angústia", SP, Martins Fontes, 1987b.
- 69. Laplanche, J. "Problemáticas II: Castração, Simbolizações", SP, Martins Fontes, 1988c.
- 70. Laplanche, J. "Problemática III: La sublimación", Buenos
 Aires, Amorrotu, 1987c.
- 71. Laplanche, J. "Problemáticas IV: El Incondciente y el Ello", Buenos Aires, Amorrotu, 1987d.
- 72. Laplanche, J. e Pontalis, J. B. "Vocabulario da Psicana lise", SP, Martins Fontes, 1983.
- 73. Laplanche, J. e Pontalis, J. -B. "Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origens da Fantasia", RJ, Jorge Zahar, 1988.
- 74. Lemaire, A. "Jacques Lacan: Uma Introdução", RJ, Ed. Campus, 1982.
- 75. Machado, R. "Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Focoult", RJ, Graal, 1982.
- 76. Mezan, R. "Freud: A trama dos conceitos", SP. Ed. Perspectiva, 1987.
- 77. Nietzsche, F. "Genealogia de Moral", SP, Brasiliense, 1987.

- 78. Peters, F.E. "Termos Filosóficos Gregos Um léxico histó rico", Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1983.
- 79. Rajchman, J. "Foucault: A liberdade da Filosofia", RJ,
 Jorge Zahar, 1987.
- 80. Ribeiro, R.J. 'org.) "Recordar Foucault", SP, Brasiliense, 1985.
- 81. Rouanet, S.P. et. alli. "OHomem e o Discurso", RJ, Tempo Brasileiro, 1971.
- 82. Venn, C. et. alli. "Chamging the Subject", London, Methuen, 1984.
- 83. Veyne, P. "Foucault Revolutione l'Histoire", in: "Comment on Écrit l'Histoire", Paris, Ed. du Seuil, 1979.
- 84. Veyne, P. et. alli. "Indivíduo e Poder", Lisboa, Edições 70, 1988.
- 85. Veyne, P. et. alli. "Michel Foucault. Philosophe-Rencontre Internationale", Paris, Ed. du Sewil, 1989.

SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO EM FOUCAULT E NA PSICANÁLISE

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes Professores:

Esther Maria de Magalhães Arantes (Professora Orientadora) (PUC/RJ)

Anamaria Ribeiro Coutinho

Anamaria Ribeiro Coutinho (PUC/RJ)

Jurandir Freire Costa
UERJ

Visto e Permitida a impressão Rio de Janeiro, 2./.5./1990

Eman para de mas

Prof. Eduardo Jardim de Moraes Coordenador dos programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas